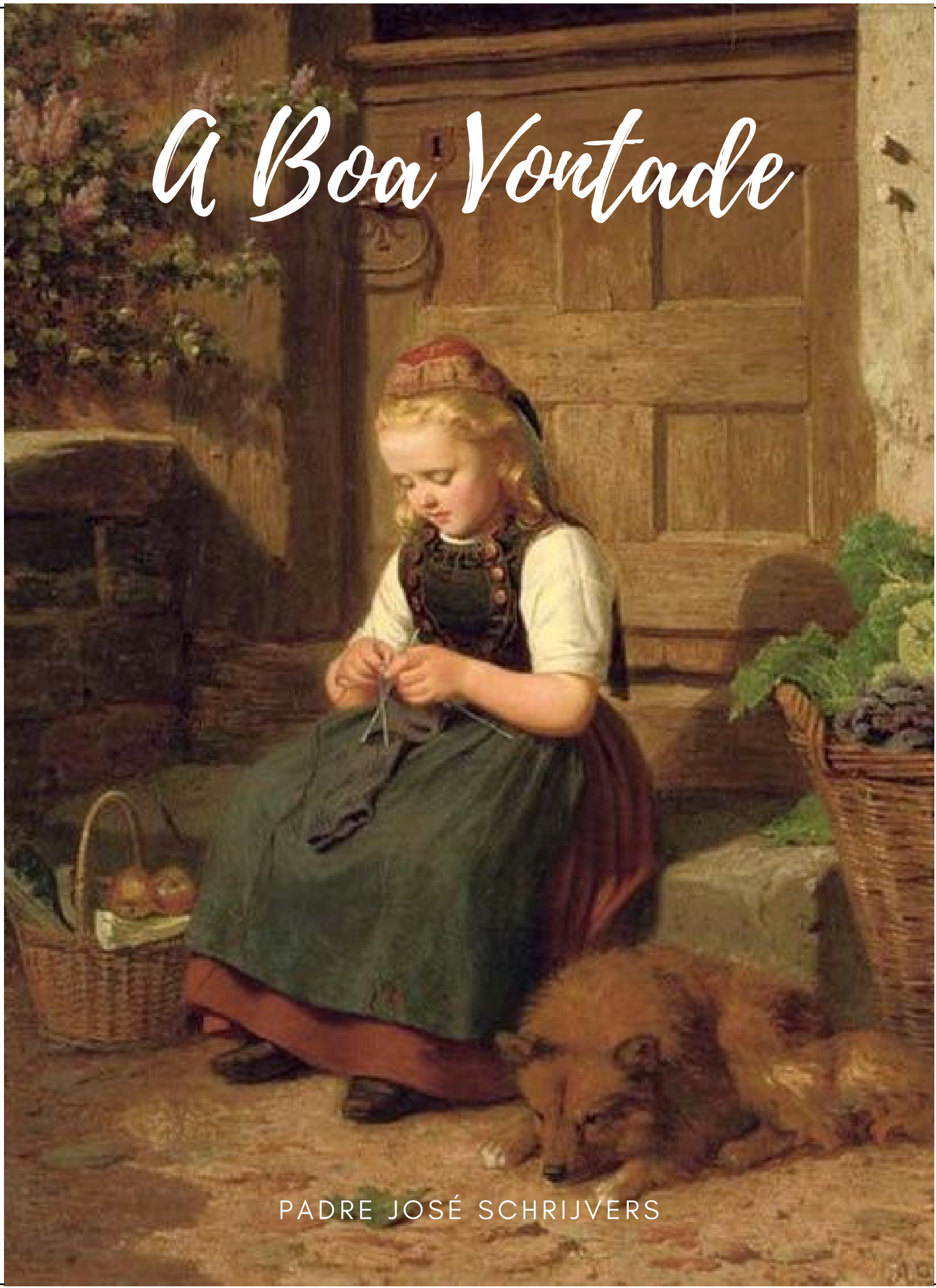


A Boa Vontade



PADRE JOSÉ SCHRIJVERS

PADRE JOSÉ SCHRIJVERS

A BOA VONTADE

Formatado pelas **Filhas da Imaculada**

Organizado por: [@formacaodadonzela](#)

Agradecimento: [@loja_alma_devota](#)



Sumário

CAPÍTULO 1 – A Boa Vontade em Si Mesma.....	2
CAPÍTULO 2 – A Boa Vontade Domina Todas as Criaturas.....	5
CAPÍTULO 3 – A Boa Vontade Possui Todos os Tesouros de Deus.....	7
SEGUNDA PARTE – A Alma de Boa Vontade Tendendo a Perfeição.....	12
CAPÍTULO 1 – A Perfeição Pela Oração.....	13
Artigo 1 – A simples presença de Deus.....	13
Artigo 2 – A oração ordinária.....	16
Artigo 3 – A oração intermediária.....	19
Artigo 4 – A oração infusa.....	22
CAPÍTULO 2 – A Perfeição pela Ação.....	26
Artigo 1 – O momento presente.....	26
Artigo 2 – O corpo da ação.....	29
Artigo 3 – A alma da ação.....	32
Artigo 4 – O tempo.....	35
TERCEIRA PARTE – A Alma de Boa Vontade Chegada à Perfeição.....	39
CAPÍTULO 1 – Sua Vida aos Olhos dos Homens.....	39
CAPÍTULO 2 – Sua Vida em Deus.....	43

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

A Boa Vontade em Si Mesma

Para se santificar, a alma só tem necessidade de boa vontade. Guardá-la intacta e desenvolvê-la sem cessar, tal deve ser o fim constante e único de sua vida. “*A boa vontade, dizia santo Alberto Magno, supre tudo, está acima de tudo*” (1).

A boa vontade entrega o homem inteiro a Deus, por um ato muito simples de amor; abandona o passado à sua bondade; e só reserva para si o presente para santificá-lo.

A boa vontade é uma orientação, em tudo, do homem para seu Deus, uma coordenação de todas suas faculdades para ele, uma restauração da harmonia entre criatura e o Criador, uma volta amorosa do filho para seu Pai Celeste.

Ela é uma resolução generosa da alma, de se consagrar à glória do divino Mestre e de medida de suas forças.

Ela é uma renúncia completa a tudo aquilo que está em desacordo com a ordem divina, um sacrifício de todo interesse próprio, um esquecimento inteiro e uma despreocupação constante de si mesmo.

Essa boa vontade conserva-se a mesma tanto na aridez e penúria como na consolação e abundância, na tribulação e inquietação como paz e tranquilidade, nos embaraços e multiplicidade de ocupações como na doçura e gozos da oração.

Seu ato é um movimento simples do coração que se entrega por completo, disposto a tudo aceitar, a tudo sofrer, desde que o divino beneplácito lhe seja manifestado.

A boa vontade permanece sincera, não obstante as fraquezas e as inconstâncias da alma, as faltas veniais passageiras, as quedas ofensivas do amor próprio. A alma não se santifica em um dia. A vida inteira é concedida com este fim. Depois de cada recaída, a vontade entrega-se com simplicidade a Deus, mais uma vez abandona-se humildemente a Ele, até que se ache fixada definitivamente Nele. A boa vontade não depende da vivacidade da imaginação, da penetração da inteligência, das qualidades naturais do coração, das vantagens da fortuna, da situação ou do nascimento. Ela é um ato essencialmente espiritual da livre vontade, um movimento simples para Deus, um olhar amoroso para Ele. Está no poder de todo o homem que tem uma vontade livre e que é ajudado pela graça.

1. De adhaerendo Deo, cap. VI

A santidade é acessível a todas as almas. Para alcançá-la é suficiente amar a Deus e agir sempre por amor. Ora, quem não pode amar? O amor é a respiração da alma. Sem ela o quer, cada um de seus movimentos atrai a Deus e submerge-a no próprio Deus.

A santidade está ao alcance das almas mais simples e mais ignorantes. Deus não quereria que um coração sincero não pudesse encontrá-lo. Uma misteriosa atração inclina-o para as almas retas. Desde que descobre uma dessas almas, Ele a reserva para si e faz dela sua morada de predileção. Conta assim almas de elite em todas as condições, sobretudo na classe dos humildes e pequenos.

Essas almas puras têm sobre o Deus de infinita pureza um poder irresistível: elas prendem e obtêm assim tudo que desejam. Se, para lhes agradar, o Senhor tem que fazer milagres, Ele os faz. Ele disse um dia à Santa Teresa: “*Se Eu não tivesse instituído a Eucaristia, Eu a instituiria hoje para ti.*” Ele agiria do mesmo modo para cada alma pura.

Deus não quis que o caminho que conduz à santidade fosse coberto de obstáculos e erizado de dificuldades. Quanto mais uma coisa é necessária à vida natural do homem, mais esta mesma coisa lhe é dada em abundância. O que é mais necessário do que o ar que respiramos ou a terra que nossos pés pisam mas, também o que de mais comum? O que há mais indispensável do que a respiração, porém, o que há de mais fácil?

A vida da alma é bem mais importante do que a do corpo. Razão pela qual Deus a tem prodigalizado. O ar que nossa alma respira é a graça que nunca é negada a quem a pede; a terra que ela pisa é a divina vontade que se não esconde nunca sob seus passos; sua respiração é o ato de amor que brota espontaneamente da boa vontade.

Neste amor, Deus resumiu toda perfeição. “*Toda nossa perfeição, diz Santo Afonso, consiste no amor do nosso Deus infinitamente amável*” (2). E a caridade que une a alma à Santíssima Trindade, que orienta para ela todas as faculdades do homem, com todos os seus atos até o menor, até o último, que comunica a todas as ações sua grandeza, sua nobreza e seu mérito: *Caritatem habete quod est vinculum perfectionis* (Cl 3,14). (3)

Somos almas de boa vontade? Quem não quereria ser deste número? Neste caso, prestemos atenção à voz do Senhor, esqueçamos nosso povo e a casa do nosso Pai (Ps 44;11), quer dizer, desapeguemos nossos corações das coisas da terra e sigamos a Jesus Cristo.

2. Opúsculo: Conformidade com a vontade de Deus.

3. "Revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição." (Cl 3,14)

Perguntemos a ele humildemente: “Rabbi, ubi habitas?” (Jo 1; 38-39). “Mestre, onde habitais?” Ele responderá: Venite et videte, “Vinde e vede.” Ele nos introduzirá na sua própria habitação, no santuário de seu amor; admitir-nos-á no conhecimento de seus inefáveis segredos; ligar-nos-á por laços suaves e tão fortes que nos será impossível quebrá-los.

CAPÍTULO 2

A Boa Vontade Domina Todas as Criaturas

Ao entregar a Deus sua vontade, a alma completou sua parte no trabalho da santificação. Do resto Jesus se encarrega.

O que não tem direito de esperar aquele que se consagrou a este Mestre tão bom? Quem se abandona a Ele, Dele recebe tudo o que céu e a terra encerram de bens e de verdadeiros gozos.

Deus põe, em primeiro lugar, ao serviço da vontade, todas as criaturas e todos os acontecimentos. Desde o momento em que a alma se decidiu a amar a Deus, tudo concorre para seu bem: *Diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum* (Rm 8, 28). “*Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*”

Nas mãos de Deus, todas as criaturas são seres vivos e ativos. Todas foram feitas em vista das almas a santificar: “*Tudo é vosso*, dizia o apóstolo aos Coríntios, *mas vós mesmos sois Cristo e Cristo é de Deus*”. *Omnia vestra sunt; vos autem Christi, Christus autem Dei* (1 Cr 3, 23).

A ação de Deus penetra todos os acontecimentos e fá-los servir a seus adoráveis designios (1); opera em toda extensão dos séculos.

Desde a eternidade, Deus compraz-se em formar na sua inteligência o exemplar segundo o qual a alma deve ser santificada.

Ele edifica para sua glória o templo da Jerusalém celeste, e cada eleito, com uma pedra preciosa, tem aí o seu lugar marcado. Deus só conhece esse lugar, e, por conseguinte, a forma especial, a beleza particular que deve revestir cada alma.

Ele se ocupa sem cessar em orná-la, embeleza-la e retratar nela a imagem de seu Filho. Com que infinita sabedoria, Ele orienta para este fim todos os acontecimentos, todas as inspirações, as alegrias, as tristezas, todos os pormenores em fim da existência.

Tudo isto foi previsto com uma precisão infinita e preparado por nosso Pai celeste como meio de santificação. Tudo isto encerra para nós a divina Vontade, isto é, como se exprime santo Afonso, Deus mesmo.

Oh! Quanta bondade nesta conduta divina! O Infinito, o Todo Poderoso, o Ser eternamente feliz e independente, ocupa-se a cada momento, com uma delicadeza infinita, de nossa santidade e felicidade.

1. Santo Afonso, conformidade com a vontade de Deus. § 5

Como terna mãe, esta providência apresenta-nos um alimento divino que sua sabedoria preparou para cada um de nós. Não temos senão que aceitar, com amoroso reconhecimento, o dom de Deus e conformar-nos com Ele.

Amemos, pois, nosso Deus, amemo-lo em todas as coisas, em todos os acontecimentos. Nós não temos outras funções a exercer aqui na terra.

Oh! Se as almas pudessem compreender quanto o divino Mestre simplificou sua tarefa! Só o amor Ele pede.

Por que complicar tanto a vida espiritual? Somos feitos para amar. Deixemos ao nosso Pai do céu o cuidado de tudo prever e de tudo dispor para nosso bem. A nós compete somente agradar a Deus pela simplicidade de nosso amor.

Ele não quer de nós nem preocupação, nem inquietação; Ele é assaz, sábio e bom para nos fornecer tudo de que temos necessidade. Deus só tem sede de nosso coração.

Respondamos a cada nova prova de sua ternura paternal por um ato ardente de amor: é uma flecha abrasada que transpassará seu Coração. Amemos, amemos: é nosso doce destino tanto aqui na terra como no céu. Nada nos embarace, nos prenda, nos preocupe, nem sofrimentos, contrariedades, tentações, aridez, previsões sombrias do futuro, perplexidades no presente, nem queixas do passado.

Em tudo isto podemos amar nosso Deus e, se nós o amamos, Ele se encarrega de tudo, provê tudo.

Quem dará às almas esta simplicidade de pomba, este único olhar que prende e força Deus a inclinar-se para elas?

Por que quase todas dependem suas forças a procurar a santidade onde ela não existe e esquecem de descer a seu próprio coração, onde Deus habita? “*Eu vos amei tarde, dizia santo Agostinho, beleza tão antiga e tão nova, eu vos amei tarde. Estava dentro e eu fora de mim mesmo; era fora que eu vos procurava e buscava no meu erro a beleza de vossas criaturas: “Sero te amavi, pulchritudo tam antiqua et tam nova! Sero te amavi et ecce intus eras et ego foris, et ibi te quaerebam; et in ista formosa quae fecisti, deformis irruebam”* (2)

CAPÍTULO 3

A Boa Vontade Possui Todos os Tesouros de Deus

O coração que quer amar a Deus é rico; todas as criaturas lhe servem. Este, porém, é o menor dos dons de Deus. Ele mesmo se quer pôr ao serviço da alma e isto de uma maneira inefável.

Para nutrir a boa vontade, Jesus Cristo instituiu a santa Eucaristia. O que vem a ser este divino Sacramento? É o amor que se faz alimento, afim de poder penetrar no objeto amado.

Esta maravilha deve admirar-nos? Não, porque para Deus-Caridade ela é uma coisa naturalíssima.

Somos filhos de Deus: devemos ser sustentados por um alimento celeste. Nosso ser é divino: ele não se mantém senão por um alimento divino. *Jesus é o chefe do corpo místico de que somos os membros* (Ef 1; 22-23). Estes membros não devem viver da mesma substância de que a cabeça? *Somos os ramos da vinha* (Jo 15;5), e Ele é a a cepa. Não deve a seiva passar do tronco aos ramos e comunicar-lhes a vida e a fecundidade?

Oh! Não me admiro do dom da santa Eucaristia: *mutua inhaesio est affectus amoris*, diz Sto. Tomás (1) O amor procura penetrar seu objeto, estreitá-lo, unir-se a Ele. E quem ama mais ternamente e mais fortemente do que um Deus?

O amor não se contenta com um conhecimento superficial (2) ele quer penetrar até ao íntimo do ser, quer identificar-se com ele.

Ó Jesus, eis aí por que vós vos fazeis nosso alimento. Quereis uma posse íntima, recíproca, irrevogável; quereis habitar inteiramente em nosso ser e nos fazer viver igualmente em vós. Vosso desejo mais profundo, mais insaciável, é de vos tornardes uma mesma coisa conosco ou, antes, de nos transformar, de nos consumir em vós; *Ex ambobus fieri unum* (3)

Para realizar esta maravilha, não há humilhação em que não consintais. O amor vos faz sair de algum modo de vosso ser intimamente grande, afim de encontrar nosso nada e de vos identificar conosco, porque o amor é estático (4)

Oh! Deixemos que Jesus no encha e sacie sua sede de união. Ele é o Mestre.

-
1. Sto. Tomás, 1, 2, q. 28, a. 2.
 2. Ibid.
 3. Ibid, a, 1, ad 2.
 4. Sto. Tomás, 1,2, q. 28, a.3.

Por nossa vez, porém, saiamos de nós mesmos à força de amor. Preparemo-nos para este festim de amor. Que outra preparação se pode fazer para receber o Amor-alimento senão desejar e amar? Façamos ardentes atos de amor, atos simples e sem afetação, porque é preciso ser tão simples com Deus!

Quando o tivermos recebido em nosso coração, como Madalena em sua casa, sentemo-nos a seus pés e fitemo-lo com amor. Este único olhar encanta-o.

As almas compreendem muito pouco a maneira de receber Jesus. Elas são agitadas em demasia, imaginam que é necessário preparar ao Mestre um esplêndido festim, composto de pensamentos sublimes e de belos sentimentos.

Jesus não faz caso de todos estes preparativos. Uma só coisa agrada-lhe, é o dom do coração entregue a cada instante por um olhar de amor. Façamos silêncio em nossa alma. Compete ao Senhor dos céus falar e a nós escutar com humilde e amorosa atenção.

As almas queixam-se frequentemente que esta única entrevista diária com Jesus e elas seja, da parte delas, tão fria, e sofrem desta indiferença. Este sofrimento não é a melhor prova que a alma pertence por completo a Ele? Sofrer de sua impotência não é senão uma modalidade de amor. Os corações indiferentes não se queixam de não amar.

Aliás, se Jesus vem à alma, é para nutrir sua boa vontade e para isso a doçura da entrevista não contribui. Se visita a alma, é ainda para gozar de seu acolhimento. Quando nos consola, nós gozamos Dele; quando nos deixa sem consolo, Ele próprio goza de nosso generoso amor. Então nós lhe damos, e é *melhor dar do que receber* (At 20, 35), sobretudo quando Deus se torna nosso “devedor”.

O mistério da santa Eucaristia é um mistério de fé: *mysterium fidei*; é o encontro de Deus e da alma, porém nas trevas; é face a face, mas não ainda entre brilho da glória. A alma nutrida pelo Corpo e pelo Sangue do Homem-Deus, que pode faltar ainda? Falta-lhe um banho de salvação onde se possa purificar de suas manchas. Jesus para isso providenciou. No Sacramento da Penitência, *Ele nos lava de nossos pecados no seu próprio sangue* (Ap 1, 5). Banho salutar, banho necessário, porque todos os homens são pecadores e as almas boas têm também fraquezas a deplorar.

Sem este divino sacramento, teríamos muito a lastimar, porque uma alma de boa vontade deve se ter o coração tão puro!

Entre ela e Deus, não pode haver outro intermediário senão o ato do divino amor. Nenhuma criatura pode colocar-se entre Jesus e a alma, porque o Mestre é cioso da pureza daquela que Ele quer toda para si.

Ele elevou sua alma à dignidade de rainha, associou-a à sua vida, a seus desígnios e sua obra. É preciso que ela pertença só a Ele.

Nosso coração pertence a Deus; não pode ser escravo de criatura alguma. É destinado a viver em sociedade com o Filho de Deus: *Fidelis Deus per quem*

vocati estis in societatem filii ejus Jesu Christi nostri (1 Cr 1,9). "Fiel é Deus, por quem fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor."

Deixemo-nos cativar por este grande Deus; deixemo-nos conduzir a Ele, ao seu amor infinito. Oh! Como é miserável o coração que está preso, seja por um fio, a um objeto criado. Para esta alma não pode haver paz nem felicidade, nem inclinação para o bem. Ela se arrasta em vez de voar. Não se elevará nunca para Deus, não conhecerá nunca a doce intimidade reservada às almas.

Por que certas almas chamadas ao amor não compreendem isto? *Por que não dizem adeus às afeições da terra, elas que poderiam ter o Rei por amigos?* (Pv 22,11). Não sabem que todo o progresso na santidade fica parado desde que o coração ou o espírito deliberadamente se desviam para uma criatura qualquer ou se deixam cair para lhe agradar em culpáveis fraquezas, mesmo leves?

Entretanto, que a alma assim arrastada não perca a confiança. Se quer emendar e procurar a Deus, com coração sincero, ela o achará. Purifique-se no sangue do Cordeiro e ver-se-à de novo revestida de inocência e beleza.

Para sustentar nossa boa vontade e desenvolve-la sem cessar, para reergue-la nas fraquezas e curá-la de suas misérias, Deus nos deu seu próprio filho, e com Ele, diz São Paulo, como não teria dado tudo? *Quomodo non etiam cum illo omnia nobis donavit?* (Rm 8,32). *"Aquele que não poupou seu próprio Filho, (...) como não nos dará também com ele todas as coisas?"*

Com efeito, em Jesus e por Jesus podemos obter todas as graças atuais de que necessitamos para fazer um ato de amor. Se alguém duvidar disto, leia esta pagina admirável do Evangelho (Mt 16, 25-34); Jesus ai condena a inquietação relativa aos bens temporais:

“Não vos inquieteis para vossa existência com aquilo que comereis ou que bebereis, nem para vosso corpo com que o vestireis. A vida não vale mais do que a alimentação e o corpo mais do que as roupas?

Olhem as aves do céu: não semeiam nem colhem, nem ajuntam em celeiros; e contudo vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis muito mais que elas?

Qual de vós com todo o seu cuidado pode acrescentar um covado à sua estatura?

Quanto à roupa, por que vos inquietais? Considerai como crescem crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam. Entretanto eu vos digo que mesmo Salomão em toda sua glória não foi vestido como um deles.

Pois se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao forno, tanto mais vos vestirá, homens de pouca fé.

Não vos inquieteis, pois, não digais: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? Porque com tudo isto é que se preocupam os pagãos. Vosso pai celeste sabe que necessitais destas coisas.

Buscai primeiramente o reino de Deus e sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo. Não vos inquieteis, pois, com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã terá suas preocupações. A cada dia basta sua pena.”

Não sabe também nosso Pai celeste que nossa boa vontade tem necessidade de incessantes socorros atuais?

Podemos fazer a injúria em crer que a sua bondade é menos generosa quando se trata de nossa vida sobrenatural?

Deus será menos pronto a ajudar seu filho, quando este lhe pede para poder amá-lo, do que quando lhe solicita um benefício temporal?

Qual é dentre vós o Pai, diz Nosso Senhor, que dará uma pedra a seu filho se ele lhe pedir pão, ou se ele pedir peixe, dará um escorpião?

Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, com quanto mais forte razão o Pai celeste dará o Espírito Santo aqueles que lhe pedirem? (Lc 11, 11-13).

Deus nada pode recusar à alma que pede. Ele repetiu isto vinte vezes no seu Evangelho. Quem mais e melhor pede do que a alma de boa vontade? Todo seu ser está em movimento para rogar a Deus o seu auxílio.

O que é uma alma de boa vontade? É uma alma que só aspira a Deus, que sofre por não poder amá-lo bastante, que geme nesta impotência, que enlanguece pelo desejo de possuí-lo melhor, de estreitá-lo mais fortemente. Ora, esta aspiração, este gemido, este doloroso desejo, são uma prece de poder irresistível.

A alma de boa vontade é um coração simples, puro, reto, e nosso Deus, Ele assim o quis, não sabe resistir ao apelo, ao menor sinal de aflição de semelhantes almas.

Deus espreita a preparação de seu coração para poder atendê-la: *praeparationem cordis eorum audivit auris tua* (Ps 10,17). Ele interroga com os olhos os filhos dos homens: *Palpebrae ejus interrogant filios hominum?* (Ps 10 B, 5).

Ó almas de boa vontade, sois infinitamente ricas! Para vós todos os tesouros encerrados na alma de Cristo.

Entre o Mestre e vós não há distância: o amor suprimiu-a. O que ele possui é vosso. Vós usufruireis daí quanto quiserdes.

Somos os filhos do Rei dos reis, estamos sentados à sua mesa, somos seus herdeiros. Vivamos de maneira a honrá-lo.

Jesus é nosso irmão (Hb 2, 11). Por Ele estamos na Santíssima Trindade e aí estamos em nosso lugar. Somos filhos queridos de nosso Pai celeste e da Imaculada Virgem, nossa Mãe amada. Que nos pode faltar?

Passemos nosso tempo amando a Deus. De que nos podemos ocupar no seio das três pessoas, senão de amor? *Deus é caridade* (1 Jo 4, 8). Sua essência é o amor, sua ocupação eterna o amor; por que não será também a de seus filhos?

Amemos a Deus. Nada pode impedir-nos de amá-lo sempre, em todas as ocupações, em todos os nossos fracassos.

Amar é um ato de boa vontade. Este ato faz-se simplesmente e sem esforços; renova-se quando a sua alma Nele pensa; não exclui o sensível, a doçura, a consolação, porém não tem necessidade das mesmas. Eleva-se diretamente para Deus, como um dardo inflamado. Estabelece assim entre Deus e a alma uma união ininterrupta.

Jesus, para conservar toda pureza de nossa boa vontade e assegurar-lhe toda energia, não pode, parece, multiplicar mais precauções em torno dela.

Depois de se ter dado Ele próprio em alimento à nossa alma, depois de haver feito de seu Sangue um banho salutar onde ela pode retemperar suas forças, depois de ter posto a sua disposição todos os tesouros do céu e todas as criaturas da terra, quis condensar de algum modo todos os seus benefícios em um só: o dom de sua própria Mãe.

Encarregou-a de prover todas as nossas necessidades, de satisfazer nossos desejos, de prever e afastar os perigos, em resumo, de velar sobre nós com seu coração de Mãe.

Confiou-lhe o cuidado de se interpor entre Ele e nossa alma no dia de nossas fraquezas, de nos reanimar pela confiança depois de nossas faltas, e de estimular nossa coragem nas horas de desânimo.

Oh! Como esta Mãe bendita é boa para nós! Quantas vezes salvou do naufrágio nossa vida espiritual! Sob sua proteção nada a temer.

Ela é a Imaculada, quer dizer, a inimiga pessoal de Satanás; esmagou a serpente infernal, em si própria, e esmaga-a sem cessar na Igreja e está encarregada por Deus de esmagá-la no coração de cada eleito.

A luta contra a serpente não terminou; prossegue até ao fim dos tempos.

Cada vitória da Imaculada conseguida sobre satanás na alma de seus filhos é para Ela uma vitória pessoal sobre o espírito imundo.

Sejamos ciosos da honra de nossa Mãe. Não permitamos que o demônio, infligindo-nos uma derrota, possa gloriar-se de ter triunfado de nossa augusta Rainha.

Confiemos a esta Virgem Imaculada a guarda de nossa boa vontade, ela nos ensinará a arte de santificar-nos pelo simples ato de amor, pela volta afetuosa e constante de nossa alma ao nosso divino Pai.

SEGUNDA PARTE

A Alma de Boa Vontade Tendendo à Perfeição

A santidade só exige da parte da alma uma condição: a boa vontade. Deus encarrega-se do resto.

A boa vontade é aquela que quer tender em tudo para Deus, seu verdadeiro objeto. Esta tendência não se faz senão por um ato: o amor. Amar a Deus e fazer durar este amor toda vida é o resumo de toda perfeição.

Para realizar este ideal, alma tem uma tríplice obrigação a cumprir:

Seu primeiro cuidado deve ser unir a Deus sua vontade por meio do amor, o ato próprio desta faculdade. Este incessante esforço da alma constitui essencial a *oração*.

Unida ela própria a Deus pelo amor, a vontade orienta para ele todas as faculdades sobre as quais exerce seu império, com todos seus atos e movimentos. Este trabalho da alma chama-se a *ação*.

O homem, porém, não deve somente agir. No trabalho da oração e no da ação, a alma encontra dificuldades que lhe podem tolher os passos para a perfeição, isto é, o *sofrimento*. Longe de, por ele, parar na sua marcha, a alma que ama vence os obstáculos e atira-se com mais ardor à procura de seu Deus.

Amar contemplando, trabalhando, sofrendo e eis o segredo da alma de boa vontade. Cada vôo eleva-a mais alto na sua ascensão para Deus, transporta-a para mais longe na sua imensidade, aproxima-a do foco da luz.

Para explicar às almas de boa vontade a maneira de assim amar a Deus, em tudo e sempre, na oração, na ação e no sofrimento, é que são consagradas as páginas seguintes.

CAPÍTULO 1

A Perfeição pela Oração

Artigo 1 – *A simples presença de Deus*

O que é a oração? É o movimento de um coração amante para seu Deus. Esta oração pode revestir-se de uma forma geral e de uma forma mais precisa. A forma geral é o volver para Deus por um simples e amoroso olhar.

A alma de boa vontade está apta para esta oração? Certamente que sim; mesmo porque ela não faz outra coisa senão se unir desta maneira a Deus, durante todo decurso do dia.

O que é uma alma de boa vontade? É aquela que por amor se entrega a Deus cada vez que nEle pensa. E este pensamento apresenta-se frequentemente porque o coração amante inclina o espírito para o objeto amado.

O coração reto que se deu por completo a Deus tende instintivamente para seu centro. Ele ora quase sem o notar, por um simples movimento para o seu amado Senhor. O filho que quer bem a seu pai e a sua mãe gosta de morar com eles no seio da família. Este une-se de coração a seus pais, associa-se a suas alegrias e tristezas, volta-se sem cessar para eles, tanto nos trabalhos como nos sofrimentos.

Como se faz, pois, esta oração da simples presença de Deus? Por um olhar amoroso para Ele. Este olhar é um ato da inteligência e da vontade. A ação recíproca destas duas faculdades combina-se tão bem e une-se tão estreitamente, que se parece fundir em uma só. A inteligência considera Deus presente e a vontade dirige-se afetuosamente para Ele.

Este olhar é muito simples. Exclue o raciocínio, a reflexão e o estudo. É muito espiritual. Os sentidos e a imaginação não têm nele parte alguma. A doçura sensível pode acompanhá-lo, ela não ajunta nem diminua nada a seu valor.

Este olhar afetivo faz-se sem esforço de memória, sem contenção. Deus não quer o constrangimento da alma. Um simples movimento para Ele entrega o coração por completo.

A alma pode assim comungar a Deus todo o dia. Ao despertar, seu primeiro ato, é um olhar amoroso para Deus. Este ato, ela se esforçará, calmamente, para continua-lo, repetindo-o algumas vezes mais explicitamente. A refeição e o intervalo não devem interromper o doce comércio da alma com Deus.

Assim ela fica exposta aos olhares do Mestre durante todo o dia. Recebe a cada momento os raios bemfazejos deste Sol divino e acumula tesouros de amor.

Sem dúvida, as ocupações virão distraí-las de Deus: o trabalho é absorvente; porém a alma de boa vontade não desanima. Entrega-se a suas ocupações com

toda liberdade de espírito. Se, para cumprir bem o seu dever, deve perder Deus de vista, o Mestre compensa-la-á mais tarde. Ele esperará que ela esteja mais livre e mais desimpedida para se apossar dela com mais amor.

Virá um tempo em que o trabalho não será mais impedimento à união contínua com Deus. Isto, porém, não depende da alma e ela o sabe. Deus reserva para si operar nela esta grande mudança no momento que Ele fixou e ela espera com paciência.

As distrações, a que a alma se vê sujeita, não a perturbam mais. São inerente à natureza humana. A inteligência não está sempre na dependência da alma; a imaginação, muito menos. Consequentemente, ela tira disto seu partido. Não é preciso querer o impossível.

Ao menos o corpo, com suas exigências e enfermidade, poderá impedir o anelo da alma para Deus? Absolutamente não. O corpo pertence à terra: é de admirar que se incline sem cessar para a terra? A alma o rodeia de cuidados razoáveis. Assim, retira dele todos os serviços que tem direito de esperar. Além dito, ela se estriba na vontade. A vontade não pertence por completo ao homem?

Assim, nada é obstáculo à alma bem disposta. Em tudo encontra Deus, em tudo O abraça. Não está ligado por nenhuma forma especial à presença de Deus. Ela o encontra na contemplação da natureza; sabe que sua imensidade enche o universo. Gosta de penetrar no seu próprio interior e vive aí no seio das três pessoas divinas. Expande sua alma na de Jesus, seu prisioneiro de amor no Santo Tabernáculo, e na de sua Mãe Maria, ao lado de quem passa horas deliciosas.

Por que procuraria ela seu Deus? Ela se sente envolvida por seu paternal olhar. Este Deus a penetra, conduz e rodeia.

Por que hesitar? Lancemo-nos nEle, Ele está em toda parte, realmente, verdadeiramente como está no céu. Amemo-lo, abracemo-lo pela nossa ardente afeição, prendamo-lo pela pureza de nosso olhar. Entregue-mo-nos a Ele como nosso Pai; deixemo-nos invadir pela sua divina Caridade, mergulhe-mos nEle como num oceano de luz.

Todas estas formas são boas, desde que nos abandonem irrevogavelmente nEle.

Se faltar um elemento para nossa vida espiritual, o Mestre terá cuidado de remediar a tempo. Ele só pede de nós boa vontade. Ele próprio nos conduz por seus atrativos, e estes Ele adapta às nossas necessidades. A tal momento de nossa vida espiritual, far-nos-á encontrar alegrias na contemplação da natureza; a tal outro, atrair-nos-á vivamente para seu Tabernáculo. Hoje, a amável pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo nos cativará, amanhã seremos esclarecidos, por uma viva luz, sobre a Santíssima Trindade. Se Jesus for o objeto principal de nossa piedade, sentir-nos-emos atraídos para Ele, ora no mistério de sua Paixão, de sua Eucarista, ora na sua própria Pessoa, seu Sagrado Coração, seu caráter de chefe do Corpo Místico, sua qualidade de Esposo, de Irmão de nossa alma.

Deixemos a Deus o cuidado de seus atrativos e aceitemos tudo de Sua mão. Não lhe prescrevemos nem forma nem método. Não é Ele nosso Pai muito amado? Não sabe Ele o que melhor convém a seus filhos?

As almas ocupam-se em demasia com o exterior da piedade, com a aparência da vida espiritual. Entretanto, o dever delas é somente amar a Deus, voltar-se sincera e constantemente para Ele e faz sua divina vontade.

“O que é a perfeição, dizia Santo Afonso, e, antes dele, Santa Teresa, senão a união da nossa vontade com a vontade de Deus?” (1)

Esta oração da simples presença de Deus é, pois, muito fácil, consiste na aspiração de um coração amante por seu bom Mestre. Entrega a alma por completo; a cada instante atinge a perfeição. Este olhar simples para Deus é, pois, um ato perfeitíssimo de caridade.

É também um ato de confiança heróica, pois que a alma se esquece de si própria e cegamente se lança em Deus.

É um ato de fé muito intenso, porque este supõe que a alma creia na infinita bondade, no inefável amor de um Deus por ela.

É um ato de total abnegação, pois que a alma renúncia a toda ideia própria, à procura de si mesma, a toda satisfação que Deus reprova, a toda inquietação, mesmo aquela que diz respeito a sua própria perfeição.

É um ato de abandono perfeito, porque entrega a alma sem reserva a todos os designios de Deus sobre ela, a todas as operações que lhe agrada fazer nela.

“Este ato de abandono, diz Bossuet (2), entrega o homem por completo a Deus: sua alma, seu corpo, em geral e em particular, todos seus pensamentos, sentimentos, desejos, todos seus membros, todos seus nervos até as menores fibras, todos seus ossos até ao interior, até a medula, todas suas entranhas, todo o interior e o exterior. Tudo vos está entregue, ó Senhor, fazei o que quiserdes.”

Quanta perfeição realizada a cada instante pela fidelidade em andar na Divina Presença! Como a santidade é coisa simples aos olhos de Deus, quando não a complicamos pelas nossas ideias pessoais! Basta voltar-se simplesmente para Deus como um filho se volta para seu Pai, por um afetuoso olhar que entrega a alma sem reserva, que a faz consumir-se em Deus, seu princípio e seu fim.

1. A conformidade com a vontade de Deus. § I
2. Sermão sobre o ato de abandono à divina providência

Artigo 2 – A oração ordinária

A alma não saberia contentar-se em cultivar assim, durante todas as ações do dia, esta simples presença de Deus. Ela aspira, às vezes, a maior intimidade. Necessário lhe é, em certos momentos, mais solidão e mais silêncio. Aliás, o próprio Mestre convida-a para vir de tempos a tempos repousar perto dEle. Ele também tem necessidade de entreter-se mais intimamente com ela.

Estes momentos são aqueles que toda alma de boa vontade deve consagrar à oração propriamente dita.

Que oração é esta? A oração propriamente dita pode revestir-se de três formas distintas. A primeira dá-se o nome de *oração ordinária*, porque a alma pode fazê-la com o auxílio da graça comum. A última chama-se oração *extraordinária* ou *passiva*, porque a alma não pode praticá-la senão ajudada por um socorro especial de Deus. Ela não produz a suave união com Deus, ela a recebe. Entre estas duas espécies de orações, há uma *transição*, durante a qual a alma está ora na oração ordinária, ora na oração extraordinária. (1) Este estado intermediário é acompanhado geralmente de certas provações destinadas a purificar a alma de boa vontade.

No presente capítulo trata-se da oração ordinária.

Está é, essencialmente, uma união afetuosa da vontade com Deus. Não difere, necessariamente, do simples exercício da presença de Deus. É este mesmo volver de um coração amante para seu Pai muito amado, efetuado de maneira mais elevada e mais intensa.

È um entretenimento cordial da alma com o Divino Mestre, acompanhado por uma vista prática sobre a ação a santificar.

Quando mais simples é este colóquio, mais agrada a Deus; quando mais este olhar é afetuoso e constante, mais a oração é verdadeira e eficaz. Que a alma, pois, não se preocupe com qualquer espécie de método e prática, a menos que tenha sido por si própria reconhecida disto a utilidade. O filho no seio da família não tem método para amar seu pai e sua mãe; ele os ama, eis tudo; ele lhes diz isto; faz o que eles ordenam e às vezes efetosamente os abraça.

1. Santo Afonso, Homo apost., t. III app. I, n.8. São João da Cruz, Noite escura, liv. I, cap. XVIII-XIX. Subida do Carmelo, liv. II, cap. XIV-XV.

Fazer oração outra coisa não é senão amar, e nada mais fácil para a alma bem disposta. Deus só pede de suas criaturas racionais um amor ardente, que envolva toda a sua existência: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et in tota anima tua et in tota ment tua* (Mt 22, 37): “Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu pensamento.” Ele devia tornar-se fácil a execução deste grande e universal mandamento. Todas as almas devem poder amar e amar sem esforço.

O que é necessário fazer durante o tempo destinada à oração? É necessário, antes de tudo, por um ato muito simples, fixar o olhar amorosamente em Deus, manter-se em seguida neste Divina Presença, fazendo, de tempos a tempos, atos muitos simples de amor de Deus. Este atos podem tomar qualquer forma, segundo a inclinação particular de cada um.

Ora serão explicitamente formulado, ora serão destilados pela fina expressão da vontade, sem nenhuma mistura do sensível. Seu objeto pode variar conforme a escolha de cada alma. Podem-se, assim, fazer atos de complacência na beleza, amabilidade, bondade de Deus; atos de benevolência, de confiança, de contrição, de ódio ao pecado. Tudo isto é amor ou inspirado pelo amor. Uma semelhante ocupação, seguida com calma, está ao alcance de todas as almas de boa vontade.

Algumas, entretanto, têm necessidade de mergulhar primeiramente seus atos de amor na reflexão; nas considerações prévias do espírito. Convém desvia-las disto? De nenhum modo. A senda da vida espiritual é bastante larga para dar passagem a todas as almas. Cada uma segue seu atrativo, guiada por seu diretor de consciência.

Enquanto as considerações têm para alma atrativo e utilidade esta pode prender-se a elas. Uma única coisa importa: a reflexão não deve ser senão um meio. O fim, a essência, o único indispensável é sempre a união afetiva da vontade com Deus.

Tal é, em toda sua simplicidade, a oração ordinária. As distrações não são senão um obstáculo. A vontade permanece sempre em Deus, a menos que a alma a afaste dele por um ato positivo. Ora, é a vontade que ama e é o amor que une.

Que importam as divagações do espírito, a impossibilidade em reunir as ideias, em refrear a imaginação? Uma só coisa é requerida para fazer oração: lançar seu coração em Deus cada vez que nEle pensa. Quando o pensamento de fazê-lo não se apresenta, a alma a isto não estaria obrigada. Deus não pede o impossível. A boa vontade supre tudo.

Como semelhante oração é frutuosa! A alma une-se a Deus para ama-lo e fazer passar este amor em todas as ações da vida. O fruto desta oração nunca é um prazer estéril. Nós temos a eternidade para regozijar de Deus. Aqui na terra nós nos esforçamos sempre para nos tornar melhores. Esta *resolução* não pode ser explicitamente formulada, porém é verdadeira.

É a própria essência de toda boa vontade. É uma disposição contínua, um desejo ardente de progredir sempre mais rapidamente na vida espiritual.

A alma tem cuidado, em todas as suas orações, de tornar esta resolução fecunda por uma humilde *prece*. Ainda uma vez, não é necessário para este fim, que multiplique seus atos de petição. Ela está por essência num estado permanente de humilde e confiante súplica. Sua própria atitude é uma prece. Ela tem consciência que, por si só, nada pode, que Deus deve dar-lhe tudo, até sua boa vontade; sabe que Deus nada mais deseja do que lhe conhecer todas as graças. Daí se estabelece nela uma espera tranquila, humildemente confiante do socorro de Deus. É a mais eficaz oração.

União afetuosa da vontade com a vontade de Deus, animada de tempos a tempos, se o atrativo a leva a isto, pela *reflexão*, extensiva pela *resolução* até a ação e fecundada pela humilde *súplica*, tal é a oração ordinária de uma alma que começa a tender para a perfeição. Está aí o mecanismo, todo o segredo da oração.

Este colóquio cordial com Deus pode fazer-se de muitas maneiras, a escolha da própria alma. Ela está no seu domínio. Na oração extraordinária, Deus lhe imporá sua maneira: aqui ela é livre. Pode multiplicar seus atos de amor, variar-los a sua grado, exprimi-los sensivelmente e a meia voz, ou formula-los simplesmente por suas faculdades espirituais. Pode também fazer trégua a esta multiplicidade de atos explícitos, simplificar sua ação, concentrar toda sua energia em um olhar de amor calmamente sustentado e por vezes docemente dirigido para Deus.

Esta última maneira é a mais perfeita em si, porém não convém igualmente a toda as naturezas. O espírito e o coração apresentam modalidade infinitas e Deus a eles adapta sua graça e seu atrativo. Todavia, se a alma encontra nisto facilidade, deve simplificar sua ação, fazer mais silêncio, escutar o Mestre e unir-se a Ele por um simples movimento de sua vontade.

Ela assim disporá melhor para receber de Jesus um convite para subir mais alto, mais para perto de seu coração.

Queira este bom Mestre não tardar a comunicar-lhe esta graça, se ela ainda não a recebeu!

Artigo 3 – A oração intermediária

A noite dos sentidos.

Quando Jesus encontra uma alma bem disposta, apega-se a ela com uma espécie de predileção. Esclarece-a gradualmente em todos os segredos de seu amor. Ele a faz subir até aos cimos da oração.

Esta ascensão faz-se de um modo quase sempre insensível. O Mestre respeita nossa natureza, dispondo nossa alma a oração infusa. A transição da oração ativa para a oração passiva é um dos mistérios da vida espiritual que desconcerta muitos diretores e desencaminha muitas almas. A vontade reta e boa passará. Aqui como por toda parte, conduzida pela mão de Deus: *Tenuisti dexteram meam et in voluntate tua deduxisti me* (Ps 72,24). “Vossos designíos me conduzirão, e, por fim, na glória me acolhereis.”

Que é, pois, está oração intermediária chamada, por S. João da Cruz, a noite dos sentidos? Que deve fazer a alma de boa vontade para corresponder aos desígnios de Deus?

Deus introduz a alma de boa vontade na oração extraordinária, quando substitui pela sua iniciativa a da inteligência e da vontade. A ação dessas duas faculdades não é suprimida pela divina intervenção, é tão somente subordinada a Deus. Na oração ordinária, a alma serve-se da graça de Deus para fazer ela própria sua vida espiritual, na oração extraordinária, Deus serve-se das faculdades da alma para agir a sua vontade.

Em vez de buscar suas impressões em baixo, nos sentidos, a inteligência e a vontade deverão, daquele momento em diante, recebe-las do próprio Deus. A sua inclinação para o sensível, Deus substituirá por uma disposição espiritual.

E para fazer penetrar gradualmente na alma esta nova disposição que tende a oração intermediária de que falamos.

Deus começa fazendo brilhar na alma uma discreta luz infusa sobre suas divinas perfeições ou sobre os mistérios da vida de Nosso Senhor.

Esta luz fraca faz surgir e nutrir na alma uma lembrança de Deus confusa e geral. A alma que assim é favorecida diz-se perseguida, acompanhada pelo pensamento de Deus.

Esta lembrança não lhe traz luz particular, porém acende no coração um certo desejo vago, quase imperceptível de apegar-se somente a Deus. Esta necessidade é persistente, dolorosa, porém pouco determinada. Ela se faz mais viva depois de qualquer falta ou depois de alguns dias passados na distração ou em alguma ocupação absorvente. A alma nota que deveria estar mais unida a Deus e não tem força, não vê o meio para isto.

Do mesmo modo que a luz infusa na inteligência provoca na vontade um desejo persistente, porem vago de pertencer por completo a Deus, assim, de seu lado, está luz e este amor infuso começam a desapegar a alma do sensível.

As criaturas aparecem como vazias e incapazes de satisfazer o coração. Atraentes no passado, não inspiram no presente mais que a indiferença e mesmo aversão. A alma ama a solidão sem muito compreender a oração; ai se ocupa de Deus sem notar; aspira ao céu e olha com compaixão para aqueles que se apegam ao século: *Heu mihi? Qui incolatus meus prolongatus est* (PS 119,5): Oh! Diz ela, como meu exílio se prolonga! *Quis mihi dabit penas, sicut columbae et volabo et requiescam?* (Ps 54,7). “Quem me dará asas como a pomba? E eu voarei e repousarei”.

O desapego do sensível produz, por sua vez, um outro fenômeno. A alma não sabe mais meditar; suas orações tornam-se áridas e distraídas. Até aqui suas faculdades espirituais puderam ser ajudadas pelos sentidos; a inteligência havia-lhes emprestado seu objeto e a vontade havia, com seu contato, ativado sua chama de amor. Agora os sentidos não são mais consultados. Disto resulta uma supressão total e súbita de um elemento muito apreciado até então: a consolação e o apoio sensíveis. A alma tomaria seu partido, se um atrativo espiritual tivesse vindo ocupar o lugar do primeiro, porém assim não é. A ação divina, comumente doce e suave quando é pronunciada, é ainda muito fraca, para favorecer a alma de um apoio, esta não encontra, pois auxílio algum. Dai resulta um estado de aridez e de tristeza perpétua. Na oração, a alma encontra-se numa espécie de torpor, de moleza involuntária e impotência.

Esta sonolência espiritual lhe é um grande sofrimento; ela se acusa de descuido; compara seu estado presente com fervor passado e persuade-se que recua em vez de avançar e, sem a palavra animadora de seu diretor, estaria arriscada a tudo abandonar.

Não termina ainda a série de suas misérias. Tornada mais sensível pelo próprio sofrimento, dolorida, de algum modo, pela pena que acabrunha, a alma torna-se mais impressionável. O que outrora a acharia indiferente, presentemente a atormenta. Várias destas almas são assim trabalhadas por dúvidas penosas, tentações violentas, contrariadas por dificuldades exteriores, experimentadas por doenças e reveses de fortuna.

Deus, Ele próprio, aproveita às vezes este tempo de purificação para ajuntar sua cruz a todas as provações que já afligem esta alma.

Que deve fazer a alma que se conhece neste retrato?

Se ela o quer realmente, sua conduta é muito simples. Seu papel reduz-se aqui, como em outra parte, em guardar intacta sua boa vontade. Deve, pois seguir seu Deus resolutamente por um ato de amor, consentir em sua ação sobre ela e penetrar com ele nesta via obscura que a conduzirá a plena luz.

Ninguém pode perturbar sua liberdade, e graças a esta, a alma pode amar. Ela se contentará da vista geral e confusa que tem de Deus e lhe fará, na medida de suas forças, seu ato de amoroso abandono. Não buscará nenhum apoio no sensível e deixará as reflexões pelas quais não experimenta senão desgosto, não deplorará sua antiga maneira de unir-se a Deus, lhe agradecerá, ao contrário, esta sede de união com a qual ele tanto quer gratificá-la.

O ponto importante, porém, é: a alma deve suportar com paciência os longos meses e, às vezes, longos anos de tristezas que este estado traz consigo, deixar Deus agir nela, abster-se de perscrutar seus impenetráveis desígnios e entregar-se a ele em toda ocasião, por um simples ato de amor. Toda outra conduta não faria senão prolongar o tempo de sua prova.

Amar a Deus por um simples movimento para ele, cada vez que sua lembrança se apresenta a seu pensamento, tal é o dever da alma, tal é toda sua ocupação. Quer o Mestre experimente-a por sua ausência prolongada, quer ele a lance em um labirinto de dificuldades exteriores inexplicáveis, a alma pode dizer-lhe sempre: *Benedicam Dominum in omni tempore; semper laus ejus in ore meo* (Ps 33,2): “Bendirei o Senhor em todo tempo, sempre minha boca celebrará seus louvores”. Sempre a alma pode arremessar-se para ele, não levada pelo sentido, porém sustentada pela força divina. Deus não envia nunca está provação sem dar abundantemente seus socorros. Sua intervenção paternal escapa a alma, porém não deixa por isto de ser menos real.

Oh! Bem-aventurada a alma que sabe contentar-se em amar sem gozar! O céu, a terra e o inferno ligam-se contra ela, e ela ficaria inabalável. Com S. Paulo ela pode dizer: “*Tenho a persuasão que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, em futuras, nem poder, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos da caridade de Deus que está no Cristo Jesus Nosso Senhor.*” (Rm 8, 38-39).

Amar e sofrer, sofrer amando, tal é a sorte invejável destas almas. Se elas o pudessem compreender e atirar longe toda inquietação, toda preocupação voluntária!

Ó bom Mestre! Se deixassem agir, se vos permitissem de formar nos corações vossa imagem adorável, se limitassem a manter intacta a boa vontade e amar-vos por um olhar muito simples, quantas maravilhas vos operareis nas almas! Depois de tê-las purificado, vos as tomaríeis para mais perto de vós, vós as estreitaríeis sobre vosso divino Coração, para fazê-las provar as delicias inefáveis de vosso amor.

Boa vontade, ato de amor por toda parte e sempre, nada fora disto, eis aí o meu programa de hoje em diante. Pertence a Jesus ter cuidados do mais. Amar a Deus, amá-lo com todas as minhas forças, amá-lo no desgosto, na secura, na obscuridade, nas dúvidas, nos escrúpulos, nas tentações, nas sombrias visões futuro, tal senha o meu quinhão. Enquanto o quiser meu Senhor. Sei que ele é bom, sei que me ama, creio em seu amor.

Amar-vos assim, meu querido Mestre, encanta-me. Para gozar de vós tenho uma eternidade, para vos fazer gozar do meu amor pelo sofrimento e imolação, não tenho senão uma curta existência. Tirai de minha substância tudo que ela pode conter de glória para o vosso nome, consumi-a para que, morrendo, eu me torne toda amor.

Artigo 4 – *A oração infusa*

A alma que passa pela provação da noite dos sentidos, imagina que tudo está perdido, que não recuperará nunca mais a doce presença de Deus. Demora, entretanto, a este Deus de bondade, de se entregar sem reserva a ela. Dentre em pouco a prova passará e o mestre apresentar-se-á e chamá-la-á: *Magister adest et vocat te* (Jo 11,28). Este apelo é a oração infusa.

À medida que avançamos, o caminho torna-se mais obscuro aos olhos da razão e mesmo da simples fé. O coração reto, porém, nada tem a temer. O próprio Mestre ilumina-o e não o deixa desviar-se. A boa vontade possui a chave da ciência e a chave do abismo. Todas as portas são abertas, ela penetra até ao seio da Santíssima Trindade.

O que é a oração passiva? É o conhecimento e um amor diretamente comunicados a alma por Deus mesmo.

Deus derrama na inteligência uma luz e acende no coração um ardente amor.

A alma sente muito bem que ela não poderia produzir, por suas próprias forças, nem mesmo ajudada somente pela graça ordinária, está luz súbita e estes doces transportes.

Muitas vezes, aliás, Deus favorece-a no momento em ela não espera em que não está absolutamente preparada.

Esta visita amorosa de Deus fez-se frequentemente de improviso e cessa da mesma maneira. Todos os esforços da alma são impotentes para prolongar a ação de Deus, mesmo por um instante.

Este conhecimento não tem a claridade de luz da glória, permanece obscuro, pois que nós vivemos ainda sobre a terra, porém infunde na lama uma segurança absoluta.

Do mesmo modo, o amor infuso não é um gozo beatífico, porém uma preparação a está felicidade inefável. Muitas vezes é um antegoço das alegrias do céu, mas ás vezes lança a alma em estranhas torturas.

O amor infuso na oração passiva pode, com efeito, ser acompanhado seja por doçuras e consolações inexpressíveis, seja por grandes provas interiores. Deus que santifica as almas como quer, gratifica-as muitas vezes sucessivamente com umas e outras.

Ambas, entretanto, nascem do veemente amor que a alma consagra a Deus. Nenhuma língua exprimir jamais o que podem experimentar de alegria íntima, a profunda felicidade, estas almas favorecidas.

Ora, o amor é para elas um doce repouso, uma tranquila e suave possessão de Deus, ou melhor, um gozo inefável derivando da vontade em todas as faculdades até na parte sensível e corporal do homon. Esta alegria é tão deliciosa tão profunda, tão plena e superabundante, que o coração, não podendo contê-la, cai em uma espécie de embriaguez espiritual.

Ora, o amor é um fogo devorador, um desejo veemente, uma aspiração ardente para o Mestre que ela quereria estreitar, com quem quereria ser identificada na unidade do amor. Às vezes o amor toma a forma de um abandono filial, de uma confiança ilimitada, deliciosa, em Deus. A alma tem consciência de que é filha de Deus e da Santíssima Virgem, vê-se no seio da sagrada Família e isenta de toda solicitude.

A alegria, porém, sucede às vezes a tristeza; a consolação dá lugar a desolação, a desconfiança e mesmo o desespero aparente.

Deus, pelo qual alma suspirava com tanta suavidade, subtrai-se de repente ao seu alcance, ou, então, mostra se como um Deus justo, um Deus ofendido, um Deus vingador do pecado. O amor há pouco tão suave e tão doce, transforma-se bruscamente em movimento de temor, de desespero, de cólera, de tristeza acabrunhante a aversão a Deus. A alma crê pecar por todos seus atos e é isto que leva o auge de sua pena.

Este misterioso sofrimento constituem o que São João da Cruz chama a noite do espírito. Eles são a última purificação, o laço indissolúvel pelo qual Deus definitivamente se apega as almas.

Tais são, nas suas linhas essenciais, a natureza e os efeitos ordinários desta oração.

Percorrendo estás páginas certas almas perguntará a si mesmas com medo, qual deve ser sua conduta se um dia, Deus fizer penetrar na oração infusa.

Que elas não temam! Aqui mais do que em qualquer outra parte, a boa vontade supera tudo. Está oração não é chamada passiva?

A única obrigação da alma é receber o dom de Deus, sob qualquer forma que se apresente amar a Deus por meio do amor que ele mesmo infunde no coração, aceitar alegremente os espinhos como flores e presta se tanto nas dolorosas exigências de Deus como ás doloroso caricias.

Assim, não terá mais movimento senão para Deus.

Que ela evite, pois durante as doçuras da oração infusa, de se apegar se a outra coisa, que não seja ao amor, de examinar curiosamente a ação de Deus, a maneira pela qual ele quer se unir a ela, a frequência de suas visitas. Tudo isso

constitui a parte de Deus; ele não deseja da lama sua esposa, se não amor, a simples atenção a todas as suas.

Que a alma não procure com ansiedade a que grau de oração chegou. Os graus da oração não se medem se não sobre o amor.

Quanto mais intenso é este, mais a alma sobe para seu Deus, porém só Deus pode fixar seus degraus.

Cada alma de boa vontade é um campo onde Deus cultiva virtudes, faz desabrochar flores e amadurecer frutos de santidade.

Ele próprio é o jardineiro. Compete as plantas, somente, crescer e produzir uma bela e rica colheita. Se as almas quisessem ser dóceis à ação de Deus, chegariam todas a uma grande santidade.

Há almas preocupadas com certos fenômenos extraordinários da contemplação; visões, revelações, êxtases e outras coisas do mesmo gênero. Estes fenômenos não são absolutamente requeridos para a mais elevada contemplação: não constituem graus necessários da oração nem dá mais consumada santidade. São manifestações miraculosas que Deus concede raramente. Seria temerário deseja-la, porque não é o amor.

Enfim, que fará a alma de oração lançada por Deus no crisol da provação? Pode contentar-se ainda, durante as torturas interiores, em amar a Deus ou mesmo consegue ainda ama-lo?

Se há um momento em que a alma deve fazer consistir em toda sua ação sem o simples movimento de boa vontade para Deus, é por certo aquele da purificação passiva, da noite do espírito. Somente as almas que estiveram envoltas nesta horríveis trevas podem fazer disso uma ideia. Deus gosta de envolver-se nessa obscuridade impenetrável para fazer na alma a misteriosa e última transformação. Ele retém a alma por suas fibras mais íntimas, extrai tudo que ela contém ainda de natural, de humano, de egoísta. A alma tentaria em vão debater-se sob esse onipotente laço, por se a penetrante e purificante ação de seu Deus: ela não faria senão prolongar seu sofrimento.

Que a alma, assim, aniquilada, esmagada sob a mão de Deus que a ama, se deixe purificar por Ele, que responda a cada novo sofrimento por amoroso Fiat. Quase apegue a obediência a seu diretor, que siga cegamente seus conselhos e, no resto, que se deixe guiar por Deus.

Nenhum livro, nenhum diretor, instruirão jamais a fundo, uma alma, neste gênero de sofrimento. Antes de sofrer-los, não se saberia compreendê-los, e quando ele sobrevém, os livros, os conselhos não dizem mais nada a alma. Deus reserva esse domínio para si; aqui, Ele pode obter da alma um abandono completo, um ato de perfeita boa vontade.

Os movimentos de aversão a Deus, de desespero, de cólera, de ódio, não poderiam impedir o soberano Mestre de fazer sua obra.

Estes movimentos só são três, em aparência; em realidade, eles são atos de um veementíssimo e puríssimo amor de Deus. A alma persuade ser o contrário e geme, lamenta-se e é torturada: mas que importa? É só por uns momentos e por eles ela se purifica, transforma, ama.

O meu Deus! Quero vos deixar trabalhar minha alma até ao extremo, até ao Calvário. A ressurreição virá um dia.

Pobre pequena lagarta, quero rastejar a terra, há tanto tempo quando vós julgardes bom quero por vos ser encerrada e sepultada, contentando-me em vos amar até ao dia em que quiser quebrar as paredes da minha estreita célula e dar-me asas para voar até vós. Então, ágil como a borboleta, minha alma transporta-se a vossa divina Caridade e um mesmo fogo abrasará para sempre o Criador e sua desprezível criatura.

Oh! Como nosso destino é belo! Amar a Deus para sempre, ama-Lo no céu, ama-Lo na terra, ama-lo na alegria e na tristeza, na luz e nas trevas, ama-Lo tanto no Calvário como no tabor.

Boa vontade é teu ato, tua prerrogativa.

CAPÍTULO 2

A Perfeição pela Ação

Artigo 1 – *O momento presente*

Santificar-se, é amar a Deus, é impregnar deste amor toda sua vida, é fazer passar a todas as mínimas ações de uma existência este sopro sobrenatural, esta intenção reta, este desejo de pertencer a Deus.

É isto possível? Oh! Certo, isto é realizável e muitas almas simples alcançam cada dia este sublime ideal. Que nos é necessário fazer para sermos do número destas almas felizes?

A alma de boa vontade deve começar simplificando sua tarefa.

Nunca seria demais repetir: quase todas complicam por gosto o trabalho da perfeição; ao empreender a viagem para a santidade sobrecarregam-se de um fardo inútil; perdem suas forças em ocupações sem importância ou de utilidade contestável.

É necessário, pois, reduzir todo o trabalho da perfeição a um único ponto bem preciso, isto é, ao momento presente; é necessário limitar a vida, a atividade, ao dever presente, procurar bem, para isto, empregar todo o cuidado, toda vigilância possível.

Não é de admirar que o desânimo invada as almas quando elas se virem em face de uma vida inteira a santificar, quando, por um relance, considerarem esta infinidade de ações e de pequenos sofrimentos escalados no decorrer de sua existência, quando abraçarem com um só olhar este campo imenso, coberto de espinheiro de vícios a extirpar.

Ah, porém, não é está à santidade. A perfeição não é feita de sonhos e abstrações. É uma realidade bem concreta, que se nos oferece a todo instante. Uma vida a santificar é o momento presente que se dá a Deus.

Nossa vida não é senão uma sucessão de momentos. Nela, nada de real, senão este curto instante presente que se passa sem cessar. Não vivemos senão do presente. Santificá-lo é nosso único dever: não podemos nada fazer de melhor para nossa santificação e para glória de Deus.

Oh! Se compreendêssemos esta verdade ao mesmo tempo tão simples e tão consoladora. Entre Deus e alma de boa vontade só há um ato: o ato de amor. Graças a ele, a alma une-se a Deus a cada instante.

Cada parcela de tempo é como uma espécie sacramental que leva Deus à alma; é uma comunhão sem cessar renovada. Por ela a alma entrega-se sem reserva alguma e Deus se dá do mesmo modo. “*É um fluxo e refluxo, diz Ruysbroek (1), que faz transbordar a fonte de amor*”

Por que preocuparmo-nos com o passado? Ele já não existe, escapou-nos para sempre. Por que perdemos nosso tempo em queixas estéreis, em imaginações vãs? Lancemos o passado com nossas infidelidades no oceano da misericórdia divina. Deus esqueceu tudo, apagou tudo: *Quantum distat ortus ab occidente, longe fecit a nobis iniquitates nostras... Quoniam ipse cognovit figmentum nostrum* (Ps 102, 12-14). Resgatemos o tempo perdido, pela fidelidade presente.

Por que também tanta solicitude pelo futuro? Ele ainda não existe. Deus nos dará, nos destilará de algum modo gota a gota. Então nós o santificaremos. Agora, outros deveres solicitam nossa atenção e boa vontade.

Deus é um bom Pai. No momento oportuno, ele nos dará o que for necessário para nossa perfeição. Nossa santidade é antes de tudo sua obra. Foi Ele quem traçou o plano e quem o executa em todos seus pormenores.

A cada momento, ele nos apresenta um dever a cumprir. Do conjunto de todos os instantes bem empregados surgirá o magnífico edifício de nossa perfeição. Não vemos desta grande obra senão nossa pequenina ocupação presente e desolamo-nos. O Mestre, porém, vê o conjunto e, antecipadamente, goza de beleza de sua obra.

“*Nossa santidade faz-se pouco mais ou menos, diz o padre de Caussade (2), como as soberbas tapeçarias que são feitas ponto por ponto e pelo avesso. O operário que nisto se emprega não vê senão o seu ponto feitos sucessivamente formam figuras magníficas que não aparecem senão quando, todas as partes estando feitas, se expõe à vista seu belo lado; mas, durante o tempo do trabalho, toda esta beleza e este encanto ficam na obscuridade.*”

O momento presente contém para cada um de nós a santidade. Deus depositou nele um tesouro inestimável. Se a alma o deixa escapar, ele está perdido para sempre.

Esta obrigação presente, Deus a varia para cada alma em particular. O momento presente de tal alma não é aquele de tal outra. Nosso Pai celeste ocupa-se em particular de cada um de seus filhos. Entra em todas as minúcias da vida de cada um. A perfeição consiste, pois em dar a Deus nosso momento presente.

1. O ornamento das núpcias espirituais, cap. LIV: *Dit vloyen en dit wedervloyen doet overvloyen die fontein der minnen.*
2. Abandono à divina Providência, livro II, cap. IV

Oh! O grande segredo da vida interior, aquele de se ocupar de si mesmo e não dos outros, de prestar toda atenção ao próprio dever e não aos dos outros!

Que nos adianta conhecer as obrigações do próximo e verificar suas faltas? “*Vivamos sobre a terra como se não houvesse senão Deus e nós*”, tal é a grande máxima dos santos. Não nos ocupemos do próximo a não ser que o nosso dever o exija. A uma infinidade de almas boas é fechado todo o acesso à santidade, porque elas se ocupam não de si mesmas, porém das outras.

Se nosso dever presente deve santificar-nos, não vamos procurar além a santidade; Deus, só, conhece o gênero e grau de nossa perfeição. Não vamos de porta em porta mendigar o alimento de nossa santidade.

Somos os filhos de Rei dos reis. Ele é infinitamente bom e generoso. Ele nos dá em abundância os meios de santidade. Cada momento presente Ele nos transmite.

Vivamos dia a dia no seio de Deus, sempre atentos em obedecer-lhe no momento presente. *Sufficit diei malitia sua*: “A cada dia basta seu mal” (Mt 6, 34). Nosso Pai celeste sabe do que teremos necessidade amanhã. Contentemo-nos em pedir-lhe nosso pão de hoje.

Simplificar o trabalho da perfeição, reduzir a vida ao momento presente, tal é a primeira tarefa da alma.

Se a isso ela se conforma, Deus conduzi-la-á pela mão através de todas as suas ocupações. *Tenuisti manum dexteram meam et in voluntate tua deduxisti me* (Ps 72, 24). Apoiada nele, desobrigar-se-á com toda, tranquilidade de sua obrigação presente, acolhendo cada novo momento com reconhecimento, pois que ele lhe entregará seu Deus, não desejando nenhum atrativo futuro, senão aquele que seu divino Pai lhe prepara.

Que vida doce e calma! Tanto que ela o pode, e que Deus lhe dá a graça, a alma não desvia o olhar do bom Mestre, sempre disposta a executar suas ordens, porém nunca apressada.

Sua vida já se assemelha com a de Deus que ela possui em si mesma. *Semper agenus*, diz santo Agostinho (3), *semper quietus... Amas nec aestuas, elas et securus es... Irascaris et tranquillus es*: Senhor, vós estas sempre em ação, sempre em repouso... Vosso amor é sem paixão, vosso elo sem inquietação... Vossa cólera sem perturbação...

Artigo 2 – *O corpo da ação*

O momento presente encerra um dever a cumprir. Ante este dever, a alma contrai uma dupla obrigação. Deve fazer integralmente a coisa prescrita, deve fazê-la com a intenção de amar a Deus ou de cumprir sua divina vontade.

Execução e intenção, tal é o elemento de toda obra. O primeiro constitui a parte material, é a obra a executar; o segundo é o formal, o elemento vivo que anima a ação, dá-lhe seu valor e seu mérito. Tratemos no presente capítulo do elemento material.

Por intermédio do momento presente, Deus prescreve à alma uma obrigação, isto é, uma coisa a fazer ou a omitir, um sofrimento a suportar. Deus manifesta-lhe, assim, seja sua vontade significada, seja a de seu beneplácito. Em face deste dever, o que deve fazer a alma de boa vontade?

Deve esforçar-se em cumpri-lo integralmente: deve executar esta ação com perfeição. Seu papel não consiste em examinar a importância deste dever, já que lhe é imposta por Deus; já que, neste momento preciso, nenhuma outra ação poderia fazê-la avançar em perfeição.

Deve abster-se de examinar por que via lhe vem esta obrigação, por que intermediário lhe é imposta, sob que aparência se lhe apresenta, por quais motivos ou sob quais pretextos lhe é intimada. Seria perder seu tempo deter o espírito em tais considerações.

O dever do momento presente é mensageiro de Deus, ele não é senão isto. Sob o véu de uma criatura qualquer, Deus dá-se ele mesmo à alma de boa vontade.

Acolhamos simplesmente o momento presente, executemos integralmente o que ele prescreve ou omitamos o que proíba.

Na execução desta obra, a boa vontade deve entregar-se totalmente. A alma não recolhe todas as suas forças dispersas, não reúne todas as suas energias senão para concentrá-las sobre o dever presente. Cumpre, pois, prestar toda atenção e empregar todos os recursos para fazer bem as ações, para aperfeiçoá-las, isto é, imprimir-lhes o cunho de remate, da perfeição.

Certas almas não podem sujeitar-se a acabar o que começam, a fazer bem até ao fim o que empreendem. É sinal da irreflexão e da inconstância, é sinal que não se concentram por completo no momento presente, que são solicitadas pelo desejo imoderado do que deve seguir e não lhes pertence ainda. Estas almas não alcançam a inteira perfeição da vida.

A aplicação da alma ao dever deve ser contínua. Cada instante traz uma nova obrigação. O dever espera-nos desde o primeiro instante do nosso despertar.

Não temos o direito de despender a nossa vontade um só segundo do tempo que nos é dado. Fazer isto seria privar Deus da glória que lhe advém de nossa

fidelidade e da felicidade de unirmo-nos a ele nesse momento. Nossa aplicação à obrigação presente não pode, pois, sofrer interrupção.

Cada gota d'água caída sobre a pedra contribui com sua pequena parte para furá-la; cada pincelada tem por fim dar à imagem sua beleza definitiva; cada ato é destinado a completar em nossas almas a semelhança com Deus.

Se importa que nossa atividade seja contínua, importa também que seja continente, moderada. Sem esta condição, ela não duraria.

O poder de se conter é indispensável a toda vida verdadeiramente fecunda. *Nada se faz*, diz Ollé-Laprune, *sem a força de se conter, de se reter, de se abster* (1). Só age com acerto quem se sabe moderar.

Nossas forças têm limites. A inteligência e a vontade são faculdades limitadas. A atenção não saberia sustentar-se sempre. Deus não pede de seus filhos senão o que eles podem dar.

Contentemo-nos com nosso dever presente. Façamo-lo com calma, tranquilamente, porém energicamente. Não excedamos a medida de nossas forças. Nossa tarefa cotidiana é por Deus designada. Querer torná-la mais pesada do que já é é ser temerário e tornar impossível o trabalho da perfeição.

Esta moderação é a qualidade mais preciosa e a menos apreciada de toda atividade. Exclui a precipitação, que arruína inutilmente tantas saúdes; condena a multiplicidade, que dispersa as forças, e regula a intensidade, que deve garantir sua duração.

Cultivemos este domínio de nós mesmos. Ele nos assegurará a constância na ação. Far-nos-á avançar sempre com o mesmo passo, imperturbáveis, através de todas as dificuldades, acima de todos os obstáculos; far-nos-á cumprir com a mesma simplicidade os mais humildes deveres e as mais brilhantes ações.

Ainda mais, esta moderação requerida ajudar-nos-á a encontrar a cada passo o que há de mais precioso sobre a terra: a cruz. Com efeito, que renúncia não é necessária para sempre se conter, contentar-se com o humilde dever presente e acompanhar o passo de Deus.

Esta moderação é uma renúncia contínua, uma morte de todos os instantes. Ela nos une a cada momento ao divino Redentor sofredor e a sua obra de santificação.

Assim, cada ato, precisamente porque contém o pequeno e o mortificante, dá-nos a vida, no-la faz comunicar às almas; cada ato, por sua moderação mesma, torna-se uma força de expansão. A força de se conter torna sua virtude vivificante. Sua morte aparente encobre sua vida real e sua fecundidade.

1. O preço da vida, cap. XXII.

Toda alma que quer entregar-se à ação de Deus nela, contentar-se com executá-la, e, com este fim, moderar-se, restringir-se aos limites traçados por Deus, tornar-se-á infalivelmente um poderoso instrumento de conversão e de salvação para outros.

Deus, que é caridade, sente-se levado a comunicar-se às almas; não lhe faltam senão instrumentos dóceis, canais que transmitam integralmente aos outros as águas divinas sem absorver delas coisa alguma.

Desde que encontra uma alma assim disposta, esteja ela oculta no fundo de um claustro, Deus faz dela um instrumento de redenção. Ela irradiará a ação divina, talvez sem notar, através das grades de seu mosteiro.

Não é, porém, somente no fundo dos claustros que Deus sabe preparar para si semelhantes almas. Ele as encontra ou forma em todas as classes da sociedade; inspira a estas almas nobres iniciativas, generosas empresas, às vezes loucas audácias; ele as compele a realizá-las, a sacrificarem-se sem reserva para executá-las, a esquecerem a prudência humana para só se apoiarem sobre a divina sabedoria.

Uma alma dócil e santamente apaixonada por seu Deus não saberia ter repouso. É necessário que ela aja, que trabalhe, que faça o bem em torno de si, porque a divina caridade é um fogo abrasador.

Ela sente que tem uma missão a cumprir sobre a terra, que deve espalhar a verdade, acender as chamas do amor, comunicar aos pobres deserdados a superabundância dos bens de que ela própria goza.

Toda vida plena tende a transbordar, a expandir-se e que alma tem a vida mais plena do que aquela que vive de Deus?

Nada neste mundo pode deixar indiferente semelhante alma. As ciências e as artes, o progresso intelectual, moral e mesmo material, interessam-na, porque tudo isto vem de seu Deus e a conduz para ele.

Nunca uma alma completamente abandonada à ação de Deus se achou em estreito na imensidade divina, jamais a seu zelo faltaram almas a conquistar, cegos a esclarecer, infelizes a consolar.

Quem era mais simplesmente e mais inteiramente dependente de Deus que um Santo Afonso, um São Vicente de Paulo, uma Santa Teresa, um Santo Inácio, uma Santa Margarida Maria, e quem mais do que estes santos revelou Deus ao mundo, aliviou as misérias humanas, combateu as heresias e espalhou a divina caridade?

Ó almas de boa vontade, entregai-vos plenamente à ação divina, segui-a passo a passo, não negligencieis nenhuma de suas ordens, nenhum de seus conselhos, de suas inspirações; abandonai-vos a Deus e depois estendei vossas asas, dai livre curso aos vossos generosos desígnios; identificai-vos a cada instante mais com Jesus Cristo e, a seu exemplo, nele e por ele, fazei o bem, com ele

pronunciai o *Misereor super turbam* (Mc 8, 2): “Tenho compaixão da multidão”; o *sitio* (Jo 19, 28): “Tenho sede de conquistar as almas”; o *venite ad me omnes* (Mt 11, 28): “Vinde todos a mim!...” e correspondereis inteiramente às vistas de Jesus Cristo sobre vós. Como ele, podereis dizer terminando vossa carreira: *tudo está consumado* (Jo 19, 30): *A obra que meu Pai me confiou eu a levei a bom termo* (Jo 17, 4): *Passei fazendo o bem* (At 10, 38).

Artigo 3 – *A alma da ação*

Aquele que simplificou sua tarefa reduzindo toda sua vida à unidade do momento presente é capaz de dar à ação presente toda sua atenção e toda sua energia. Entretanto, isto não basta.

Executar uma obra fielmente, acabá-la integralmente, não é senão o elemento material de uma boa ação. Este elemento material deve ser vivificado, transformado, de algum modo edificado pela pureza de intenção.

Qual é esta intenção? É o amor. Em cada uma de suas ações a alma fiel quer testemunhar a Deus que ela o ama. Ela sabe, aliás, que nenhum ato tem valor verdadeiro senão em virtude desta divina caridade, que sem o amor a obra é senão um corpo sem alma, um organismo sem vida.

Esta intenção de amar a Deus, acompanhando a alma em cada uma das ocupações de sua vida cotidiana, pode revestir-se de muitas formas e exprimir-se em diversas fórmulas.

Amar a Deus é querer *fazer sua divina vontade* (Jo 9, 31), abandonar-se à sua divina ação, conformar-se à ordem divina, *viver na verdade* (3 Jo 4); amar a Deus é *procurar sua glória* (1 Cr 10, 31), trabalhar em fazê-lo conhecido, *em estender seu reino* (Mt 6, 10); amar a Deus é ser homem do dever, homem sobrenatural, é aspirar a dar prazer a Deus, a fazê-lo esquecer as ingratidões dos homens; amar a Deus é *esforçar-se em imitar Jesus Cristo* (Rm 8,29), em *revestir-se de sua divina pessoa* (Gl 3,27), e *unir-se mais intimamente a seu corpo místico* (1 Cr 12, 27), em *dedicar-se à sua obra* (Jo 4, 34), em *enraizar-se na sua caridade* (Ef 3, 17).

As fórmulas variam, o sentido permanece o mesmo; através de todas as suas ações a alma ama o seu Deus; trabalha com intuito de manifestar-lhe seu apego e de conformar-se a seu divino beneplácito. Eis aí o segredo da santidade.

Tocamos aqui a base mesma do trabalho da perfeição.

É aqui que se faz a separação entre as almas heróicas e as almas medíocres.

Todas são animadas de boa vontade, todas têm um certo número de atos iguais a fazer cada dia. Mas, enquanto que algumas acumulam em poucos anos imensos tesouros e parecem voar para a santidade, outras avançam penosamente, arrastando-se sobre a estrada que conduz à perfeição.

De onde vem esta diferença?

Umas amam sem cessar; purificam sem interrupção sua boa intenção; não perdem uma ocasião de lançar para o coração de Jesus uma seta inflamada.

Outras almas fazem maquinalmente seu trabalho cotidiano; apegam-se ao superficial da obra; contentam-se com executar a ação prescrita, mas sua intenção é frouxa, esta intenção não sobrepassa a criatura, não se eleva até Deus, não anima, não vivifica.

Ter a intenção de amar a Deus em todas as ações do dia, torná-la cada vez mais pura e vivaz, sem esforço todavia, porém por uma vigilância tranquila, tal deve ser o fim constante de nossos esforços.

O ideal consistiria em manter o espírito e o coração fixados em Deus de uma maneira atual, durante todas as ocupações. Em regra geral, uma tal intenção ultrapassa nossas fracas forças.

Não estamos no céu; levamos penosamente nossa existência aqui na terra. As distrações, as preocupações nos assaltam de todos os lados. Assim também não somos obrigados a alcançar este ideal. Basta que tenhamos para ele, com um generoso e tranquilo ardor, resignando-nos, neste meio tempo, a perder Deus de vista o menos possível.

Muitas almas aspiram a pensar sem cessar em Deus durante seu trabalho e nunca chegam a este ponto. Que elas se certifiquem e saibam que nossa alma está realmente unida a Deus mesmo não pensando atualmente nEle.

O ato pelo qual a alma se une a Deus e se propõe a tudo fazer pelo seu amor é passageiro por sua natureza, porém sua virtude subsiste intacta, sua influência perdura e, graças a ela, a vontade permanece fixada em Deus no meio do desvio da inteligência, das divagações da imaginação e do acúmulo de ocupações.

No jardim de nossa alma, reservamos para Deus a árvore mais bela: nossa vontade com todos os frutos que tem ou terá no futuro. Esta doação nós a quisemos irrevogável, a renovamos com amor todas as vezes que nosso pensamento se volta para Deus. Todos os frutos desta árvore, todos os atos de nossa boa vontade são, pois, propriedades de Deus. Mil vezes nós lhe havemos tudo abandonado.

Não é menos verdadeiro que a alma amante tende sem cessar a se dar a Deus de uma maneira atual com tudo que possui: ela quereria nunca perder Deus de vista; aspira penetrar nele de uma maneira consciente a cada instante, a ficar fixada nele, vivendo de sua vida, respirando, de algum modo, por ele, desalterando-se na fonte da Divina Caridade, saciando-se de Seu Deus, *vivendo oculta em Deus com o Cristo* (Cl 3, 3).

Desejo legítimo, que será plenamente satisfeito no céu, mas não poderia ser gozado neste mundo senão na medida que apraz a Deus de nos desapegar da terra, de suas preocupações e de seus embaraços.

O amor de Deus deve, pois, animar todas as nossas ações. Em cada uma delas não podemos ter rodeios sobre nós mesmos nem complacência em alguma criatura.

Mas, talvez se dirá, é necessário, então, viver aqui sem afeição, sem alegria, sem a expansão natural do ser humano que é um dom de Deus? Oh, não; ainda aqui se contrafaz tantas vezes a verdadeira santidade.

Os santos não são seres inacessíveis, que não olham senão para amaldiçoá-la, não se ocupam da criatura senão para evitar seu contato. Nada é mais aberto ao mundo que o coração de um santo. Ele é, de algum modo, inclinado sobre toda criatura para descobrir seu Deus ou trazê-lo a ela.

Quem foi mais ardentemente apaixonado pela natureza que São Francisco de Assis? Quem a cantou mais vezes que Guido Gezelle, o santo sacerdote de Flandres?

Filhos de Deus, não somos nós reis da terra? Não temos aqui o gozo dos domínios do nosso Pai celeste? A terra inteira não pertence a Ele e, por conseguinte, a nós?

Quanto mais somos santos, mais podemos também penetrar cada criatura, discernir a perfeição e a beleza delas, e admirar o harmonioso conjunto de toda criação.

Tudo nos pode elevar para Deus; toda alegria legítima podemos gozá-la Nele e para Ele. O coração puro é capaz de gozar de tudo e achar Deus em tudo.

Sem dúvidas, ele se sente inclinado muitas vezes a se recusar às alegrias mais inocentes, como Davi outrora sacrificou a água tirada da cisterna de Belém pelos soldados; sem dúvida, também Deus se compraz em pedir aos seus, por suas inspirações, o sacrifício de tal gozo e a alma feliz se apressa em obedecer; mas tal não é a lei.

Na criação, Deus dispôs tudo em favor de seus eleitos. Como poderia Ele reservar somente a seus inimigos as legítimas satisfações desta terra? Não quer Ele que seus filhos O sirvam na alegria de seu coração: *Servite Domino in laetitia* (Ps 99, 2), que as almas sejam dilatadas pela confiança e amor, *gaudete, interum dico gaudete* (Fp 4, 4), porque o coração dilatado voa no caminho da santidade: *viam mandatorum tuorum cucurri cum dilatasti cor meum?* (Ps 118, 32). A Divina Caridade não suprime, pois, nada não desdenha nada; ela se contenta em animar todas as nossas ações, de elevar tanto nossa alegria como nossas forças, em santificar nossos gozos como nossas privações. Tudo vem de Deus; o que a criatura não estragou não poderá ser mal nem contrário à santidade. O coração somente deve ser regrado, a intenção deve ser pura.

Mas, se toda a criatura pode conduzir-nos a Deus, toda detenção nela é um mal. Passemos pelas criaturas, pela bondade, pela beleza, pelas verdades espalhadas sobre elas e vamos direto a Deus para glorificá-lo, para proclamar sua grandeza e seu amor.

Toda alegria, toda satisfação, todo ser que prende nosso coração deve ser cortado sem piedade. Criatura alguma tem o direito de substituir Deus, e de captar nosso coração, que não foi feito senão para Ele.

Assim, por um *sursum corda* (corações ao alto) contínuo, a alma passa através de todos os acontecimentos, agradáveis ou penosos, sem se deter nas criaturas, tomando o que Deus lhe apresenta por seu intermédio, de doce ou de amargo, sempre acessível, nunca presa; sempre serviçal, nunca escrava; sempre compassiva, nunca cativa.

Si placent corpora, dizia santo Agostinho (1), *Deum ex illis lauda et in artificem eorum retorque amorem ne in his quae tibi placent, tu displiceas*: “Se os corpos te agradam, toma-os como objetos de louvor a Deus; volta teu amor para Seu Autor, de medo que, detendo-te no que te agrada, tu lhe desagrades”.

Si placent animae, in Deo amentur: Quia et ipsae mutabiles sunt et in illo fixae stabiliuntur (2). “Se as almas te agradam, ama-as em Deus. Mutáveis em si mesmas, são fixas e imutáveis Nele”.

Artigo 4 – O tempo

Contentar-se com o dever presente, colocar nele, para cumpri-lo perfeitamente, toda sua atenção e toda sua energia, animá-lo pela intenção do amor divino, tal é a tarefa da alma que quer chegar à santidade.

Cada instante utilizado lhe faz alcançar, no momento preciso, toda sua perfeição de que ela é capaz. De então em diante, não lhe resta outro dever a cumprir senão o de continuar sem descanso, até o fim, seu trabalho. E aqui precisamente, porém, que as almas não advertidas encontram um grande perigo. Quase todas querem ser santas no fim de alguns anos de esforços. Se o resultado não corresponde as suas esperanças, desolam-se e correm risco de tudo abandonar.

Estas almas negligenciam na sua santificação um elemento pouco apreciado, porém indispensável, isto é, o tempo.

Deus sabe o número de anos que temos a passar sobre a terra; conhece também o grau de santidade que devemos adquirir. Deixemos a Ele o cuidado de nos santificar antes da nossa morte. Contentemo-nos em servi-lo no momento presente, em amá-lo ardentemente, apaixonadamente.

1. Confissões, liv. IV
2. Confissões, cap. XII, XI

Ponhamos todo nosso ardor em nossos atos. Deliciemo-nos em nos enraizar cada vez mais Nele e depois abandonemos a Ele tudo o mais. Ele é nosso Pai, quer verdadeiramente se encarregar dos interesses de seus filhos.

A menos que Deus intervenha de modo particular, o trabalho de nossa santificação não se fará na medida de nossos impacientes desejos.

A santidade é a orientação de toda vida para Deus, são todas as faculdades dispersas sobre as criaturas a reconduzir para Ele; é a inclinação de todo homem para o sensível a transformar e a mudar em uma tendência constante para Deus, que é puro Espírito, são inumeráveis apegos secretos as criaturas e a si mesmo a romper um a um; é um domínio pacífico da vontade a estabelecer sobre paixões impacientes do jugo; é, enfim, uma infinidade de ações cotidianas a impregnar da intenção do puro amor de Deus. Semelhante mudança não se opera geralmente em alguns anos.

Nos momentos de fervor e de estreita união com Deus, a alma pode bem sentir-se toda Dele e crer terminada a feliz transformação de todo seu ser, mas a triste experiência faz com que ele volte bem cedo a realidade. Depois de suas ardentes orações, ela se encontra novamente natural, apegada as suas comodidades, frouxa e pusilânime. A alma admira-se de que, sendo tão imperfeita, Deus tenha podido favorecê-la com suas carícias; concebe indignação contra si mesma; desanima. Contudo, nada é mais natural do que a conduta de Deus.

A alma está em marcha para a santidade; no momento presente, ela põe ao serviço de Deus toda soma de boa vontade de que dispõe, e, por seu lado, Deus mostra-se satisfeito com seus esforços, e a favorece com suas comunicações.

Mestre hábil na direção das almas, ele sabe que, por momentos, elas têm necessidade de repouso durante a rude ascensão para o ideal e dá-lhes oportunidade de experimentarem, de tempos a tempos, sua doce presença.

Mais tarde, tratá-las-á como almas perfeitas, fá-las-á assentarem-se a sua mesa e introduzi-las-á definitivamente na sua intimidade.

A alma deve, pois, ter paciência, confiança em Deus. O que não podem fazer seu ardor e mesmo sua fidelidade ao momento presente, o que não quer fazer, em regra geral, Deus, ele mesmo, por um socorro especial, ela obterá com o tempo e graças ao tempo. Deus assim deseja: é com este fim que ele a deixa sobre a terra. O tempo, este precioso auxiliar, conduzi-la-á infalivelmente a santidade, com tanto que ela permaneça fiel ao dever presente.

Nossa vida compõe-se de uma infinidade de pequenos atos sem aparência exterior e quase imperceptíveis. A santidade é fruto destes atos, não se conquista por meio das ações brilhantes. Estas, entretanto, não nos são proibidas.

Devemos santificar-nos, pouco mais ou menos, como aprendemos a falar, escrever e ler. Quantos milhões de atos foram precisos para alcançar este resultado.

Conta, se podeis, aqueles que se fazem lendo um livro: ato de percepção visual de cada letra, de cada palavra, de cada frase, atos correspondentes dos sentidos interiores para registrar e completar cada uma destas percepções; em seguida atos de formação de cada noção, cada juízo, de cada raciocínio, atos de memória, de comparação dos conceitos, de juízos e de ideias.

Estendei este exemplo a todas as ocupações de um dia, de uma semana, de um ano, de uma vida, e chegareis a um conjunto de atos, cujo número desafia todo cálculo.

Entretanto, graças a esta constante aplicação, o homem pode assimilar uma multidão de conhecimento e levar a bom termo empresas consideráveis. O mesmo acontece na vida espiritual. A vida de uma alma justa é um encadeamento de pequenos atos de virtude, que ela multiplica sem se a perceber, graças a intenção virtual. Cada momento consagrado ao dever contém um novo mérito, um novo grau de amor a Deus.

Imagina se podeis o que semelhante alma acumula atos meritórios em um só dia, em um só ano, sobretudo, se ela é cuidadosa em dar a intenção toda pureza, toda intensidade.

Ajunta a isto a ação incessante da graça, que trabalha esta alma, que a desapega da criatura e dela própria, que a transforma sem ela o saber, que a orna de virtudes, que lhe instila gota a gota a divina caridade, que a enraíza sem cessar cada vez mais no Cristo, que a habilita a viver com Deus, e concordareis que a alma se acha na feliz impossibilidade de não atingir a santidade.

Estes progressos contínuos escapam habitualmente ao olhar da alma. A ação que transforma é demasiado sutil para ser perceptível.

Todavia, a certos momentos, ela nota que tal defeito, há tanto tempo combatido, desapareceu subitamente; que tal virtude, tão ardentemente desejada e pedida, veio tomar seu lugar, que suas relações com o divino Mestre tomaram um caráter de mais franca intimidade, que as preocupações passadas não exercem mais sobre ela sua tirânica influência.

São indícios verdadeiros de uma lenta, mas segura transformação. Todavia, mesmo na falta de provas palpáveis, saberíamos que a santificação deve operar-se assim. Os atos sem cessar repetidos produzem em nossas faculdades hábitos sempre mais poderosos, enraízam sempre mais profundamente em nós as virtudes infusas com a Divina Caridade.

Possam estas poucas considerações moderar o ardor das almas inquietas, impacientes de chegar ao termo, e ensinar-lhes que nada de considerável se faz aqui na terra, mesmo na vida espiritual, sem o precioso concurso do tempo!

Uma virtude demasiadamente precoce é sempre suspeita aos olhos dos diretores espirituais. Talvez em aparência bela, é raramente sólida. Ao primeiro contato com as dificuldades reais da vida ela se quebra. É um fruto antecipadamente amadurecido, muitas vezes um verme oculto o rói.

Acompanhemos o passo de Deus e tenhamos paciência. Saibamos esperar seu momento; chegaremos seguramente a santidade. Não nos inquietemos a respeito da parte de Deus reservou para si na obra de nossa perfeição. A nossa resume-se na fidelidade ao dever presente e no abandono ao nosso Pai celeste: *Jacta super Dominum curam tuam et ipse te enutriet* (Ps 54, 23).

TERCEIRA PARTE

A Alma de Boa Vontade Chegada à Perfeição

CAPÍTULO 1

Sua vida aos olhos dos homens

Nada mais sublime do que a vida das almas entregues por completo ao seu Deus, e, entretanto, nada é tão simples.

Elas amam apaixonadamente seu Deus e, por Ele, cumprem fielmente seu dever do momento presente. O resto abandonam à sua divina ação. O Mestre as dirige a seu agrado, e ela reconhece sem esforço sua voz.

Às vezes, convida a alma a entrar no seu interior; diz-lhe como a Zaqueu: *Festinans descendit quia hodie in domo tua oportet me manere* (Lc 19,5). “Desce já, porque hoje devo hospedar-me na tua casa; penetra bem no interior de teu coração, porque este dia nós o devemos passar na intimidade.” E a alma, cheia de alegria, se apressa em obedecer e em acolher o divino Mestre no mais profundo de si mesma.

Outras vezes Ele ordena à alma de lançar suas redes: *Mittite in dexteram navigii retia* (Jo 21,6), isto é: “Vem comigo à pesca das almas, abandona o tranquilo repouso da contemplação, assume com denodo os rudes trabalhos do apostolado.”

De outras vezes ainda, Ele diz ao coração: *Surgite eamus* (Mt 26, 46): “Levanta-te e vamos juntos ao jardim de Getsêmani, ao encontro do sofrimento.”

A alma segue docilmente o Mestre. Ela se limita a ama-Lo na oração, na ação e no sofrimento. Tudo lhe é indiferente, contanto que contente a Jesus.

De ordinário, os tesouros de graça que estas almas acumulam sem cessar, ficam ocultos aos olhos do mundo: *O homem carnal não compreende o que é do espírito de Deus* (1 Cr 2, 14) Aliás, sua vida exterior não apresenta nada de extraordinário.

Elas cumprem com simplicidade seu dever cotidiano, não se submetem a múltiplos exercícios de piedade, não adotam um gênero de vida singular, não se apegam com excesso a nenhuma prática particular, a nenhum método determinado. O seu método consiste em amar a Deus e em se abandonar à sua ação. Na sua conduta exterior, tudo respira simplicidade. São cordiais, afáveis, sempre prontas a prestar serviço, porém nunca familiares, nunca escravas.

Ao contrário, querem ficar livres e desapegadas de toda criatura. Prestam-se a tudo e a todos, porém nunca se escravizam porque pertencem só a Deus.

Todavia, colocam-se na sua própria estima abaixo de todos os homens, porque são a morada do Altíssimo, e, à sua luz, veem suas próprias misérias: *O quam excelsus es, et humiles corde sunt domus tua* (1)

Não há até no seu zelo pela salvação dos pecadores quem não contribua para conservar estas almas na obscuridade.

Elas vão simplesmente à ação que Deus lhes apresenta, executam fielmente os trabalhos que seus superiores ou as circunstâncias exteriores lhe impõem, aproveitam, com cuidado zeloso, as mínimas ocasiões que a providência lhes oferece, para fazer o bem, porém não concedem nada à atividade desordenada, às vezes turbulenta, que gosta de se dissimular sob o falso nome de zelo.

A sua força é o amor ardente interior, que dedicam a Deus.

Também estas almas de nenhuma aparência exterior, simplesmente aplicadas a seu dever cotidiano, tornam-se maravilhosos instrumentos de santificação para os outros. São um indivisível centro de atração. Muitas vezes elas mesmas o ignoram e aqueles aos quais elas beneficiam o ignoram também.

O reino de Deus nos corações é espiritual. Para estabelecer-lo, Deus se serve de humildes almas, todas consumidas em seu amor.

Admiram-se frequentemente as mudanças súbitas que se manifestam no decurso dos séculos em favor do catolicismo; não se sabe a que atribuir este perpétuo vigor de uma Igreja perseguida em todas as épocas pelos poderes humanos, mutilada pelas heresias, dilacerada pelos próprios filhos.

A verdadeira razão está em que ela conta em seu seio almas que vivem só para seu Deus, vítimas de amor que detém seu braço vingador, braseiros sempre ardentes, cujas centelhas propagam longe o fogo do divino amor.

Quantas maravilhas nos seria dado contemplar se o mundo sobrenatural se desvendasse de repente aos nossos olhos! Quantas disposições admiráveis da divina Providência! Que laços maravilhosos criados por Deus mesmo entre as diferentes almas! Que influência enorme concedida às almas humildes que o amam e de si se esquecem!

E que há nisso de extraordinário? A alma chegada ao estado de união com seu Deus é consumida de zelo pela glória de Deus. Com o apóstolo São Paulo, ela se abrasa do desejo de espalhar o bem e de fazer cessar as devastações do mal: *Quis scandalizatur et ego non uror* (2 Cr 11, 29): “Quem sofre escândalo, que eu não me consuma de dor?”

1. Santo Agostinho, Confissões, liv. XI, cap XXXI

Quem nos dirá as secretas angústias de um coração devorado de zelo, em face da impiedade sempre crescente? Quantas apostasia! Quanta indiferença. Quantas seduções e escândalos! Quantas quedas!

Qual o coração amante que não ficaria despedaçado, contemplando por toda parte o triunfo do mal? Satanás reina sobre o mundo em lugar do divino Mestre. Quase todas as nações têm apostatado; olham com desprezo e rejeitam com desdém Cristo e sua Igreja. Os sectários de todos os países não têm outro fim senão oprimir a esposa do Cristo, arrancar-lhe os filhos. A impiedade marcha de frente erguida. Espalha em toda parte a imoralidade; derrama cada dia sobre nossa santa religião o ódio e o desprezo.

Que dor para a alma amante.

Deus, porém, vê o martírio íntimo desta alma e, em consideração de seus sofrimentos, salva pecadores aos milhares, dispõe, neste intuito, meios sem número escondidos aos olhos dos homens, mas que alcançam infalivelmente seu fim. Da morte ignominiosa de Cristo sobre a Cruz Ele fez brotar a ressurreição espiritual do pecador.

Esta alma não se tornou a imagem viva de seu divino Filho imolado por amor dos homens, e do qual disse: *Si posuerit pro peccato animam suam videbit semen longaevum* (Is 53, 10): “Se Ele dá sua vida pelos pecadores, contará filhos numerosos”

Assim prossegue humilde, porém fecunda existência destas almas de elite. Escondidas aos olhos do mundo, muitas vezes por causa de sua aparente inutilidade, pequenas aos seus próprios olhos, elas são o sustentáculo da Igreja e a consolação do divino Mestre, tão pouco conhecido, tão pouco amado sobre esta terra.

Poucos homens, mesmo entre aqueles que se creem espirituais, sabem apreciá-las; elas não são compreendidas senão por aqueles que vivem sobre os mesmos cumes ou nas mesmas profundezas.

Há, toda via, um traço que surpreende e que poderia, aos espíritos atentos, desvendar o segredo destas vidas admiráveis.

Este caráter é a perfeita e constante serenidade que gozam estas almas. São imperturbáveis. “*Comparável ao sol, diz o Espírito Santo, o justo percorre cada dia de maneira uniforme a rota que Deus lhe traçou.*” (Sr 27,12): *Homo sanctus in sapientia manet sicut sol.*

A alma perfeita participa da imutabilidade de Deus, no qual fixou sua morada. *Quies est apud te valde*, diz Santo Agostinho (2), *et vita imperturbabilis. Qui intrat in te, intrat in gaudium Domini sui et non timebit et habebit se optime in optimo*: “Em vós está a paz profunda e vida inalterável. Aquele que entra em Vós entra na alegria de seu Senhor. Livre de todo temos, ficará soberanamente bem no seu bem soberano. ”

Habitando em Deus seu Criador, a alma é independente de toda criatura, está isenta da tirania de suas paixões, paira como a águia acima da mesquinhez da vida da terra, fixou sua morada nas alturas divinas onde as nuvens das preocupações humanas não a podem mais atingir, onde o divino sol não lhe esconde mais sua brilhante luz e seu fecundo calor. O que poderia temer ainda, ela *que tem por amigo o Rei* (Pv 22, 11), ela que Ele *convida cada dia à sua mesa* (Et 5,8), que pode, à sua vontade, *chegar livremente até Ele* (Et 5,2), que sente transbordar de seu coração a torrente de paz e de felicidade da qual *Ele lhe concede a graça de inunda-la* (Ps 35, 9)

CAPÍTULO 2

Sua vida em Deus

Ó Jesus, como sois bom para a alma que a Vós se entregou sem reserva! Vossa ternura para ela é incomensurável; é profunda como o amor. Progressivamente tomaste posse deste coração e agora ele se tornou a presa de vosso amor.

A vida de uma alma toda possuída pelo bom Mestre é deliciosa. Há uma maneira tão divina de fazer sentir que Ele será nela e que ela é toda dEle!

Doravante, parece, não há mais véu entre Jesus e a alma. Ela lhe fala: ela a escuta; vive perto dEle, no seu coração, na sua alma. É uma visão antecipada, esperando a “face a face.” É o céu sobre a terra... E cada dia o horizonte é Ele, é seu amor.

Durante as horas de oração, a alma repousa longamente e suavemente seu olhar no olhar do Mestre. Lê nos seus olhos divinos seu amor imenso, seu grandíssimo amor. (Ef 2, 4). Este divino olhar tão puro e tão terno a penetra, envolve-a toda, e a fascina, e ela se lança nos seus braços, sempre mais ardente. Por seu lado, porém, o olhar mais simples e cândido da alma cativa Jesus. Ele se deixa prender, Ele se dá sem reserva.

Então a alma entra em silêncios profundos. Não fala mais, escuta o Mestre e se deixa invadir por sua divina ação, purificar sob seu olhar, transformar a seu contato.

Cava na alma abismos que só Ele pode limitar, infunde-lhe no coração uma sede devoradora, sede de amor e de imolação; ela quereria ama-Lo, ama-Lo até morrer de amor. Este desejo a abrasa e consome. Estas visitas do divino Mestre renovam-se frequentemente, Ele parece ter necessidade de intimidade tanto ou mais que a alma.

Outrora, quando os judeus de Jerusalém lhe fechavam a porta de suas casas, Ele se ia embora muito triste para Betânia, para casa de Marta e Maria, e o acolhimento amistoso e todo íntimo das duas irmãs O recompensava.

Agora ainda, Ele deve muitas vezes bater à porta de seus amigos, porque, além, não encontra mais entrada. Mas, também, nestes momentos, seu Coração é mais expansivo.

A alma sente-se assim chamada pelo Mestre, ora durante a oração, ora durante o trabalho. Ela conhece bem sua voz e obedece imediatamente; abre-lhe francamente para que tome nela um pouco de repouso. Então Ele lhe fala sempre de amor, de reparação, de doação recíproca. Ele lhe faz suas divinas confidências, o entretenimento de seus projetos e de suas decepções... O objeto é sempre o mesmo, é o amor! É um abismo sem fundo este amor! ... Ele deixa entrever cada dia profundidades novas. A alma, porém, conhece seu Mestre, não teme e não se admira de nada. Ela o segue por toda parte, nEle tudo a encanta. Ela não tem senão que amar e se deixar amar.

Este amor do divino Mestre envolve-a por completo. Ela se sente como perseguida pelo amor, como esmagada sob seu peso. Quanto amor! É o infinito! A alma nEle mergulha sem cessar. Entra assim com uniões tão profundas com Jesus!

Quanto mais a alma se entrega mais Ele pede. Ele exige tudo. Também, como lhe recusar? Nem mais um olhar, nem mais uma respiração que não seja para Ele. Ele pede que a alma faça perto dEle e por Ele todas as suas ações. Quando se ama, deseja-se tanto estar junto. Ele quer que a alma desperte no amor, trabalhe no amor e se recrie no amor. É uma comunhão contínua. Ele coloca na alma uma necessidade de amar que só Ele pode saciar, uma sede infinita que só Ele pode estancar.

Não somente Ele a envolve de seu amor, como também a associa à vida e à sua obra. Sendo sua esposa, nada deve ignorar do que concerne a Ele, nem ficar alheia a nenhum de seus projetos. Trabalha com Ele na santificação do mundo; cada dia imola-se com Ele; abandona-Lhe todo seu ser para seja sua vítima; torna-se para Ele como um prolongamento próprio, uma humanidade de acréscimo. Sem cessar, iguala-se à alma de Cristo, assimila-se a seus pensamentos e a suas inspirações, identifica-se a todos os seus movimentos para ir em seguida, com Ele, à ação e ao sofrimento, para cumprir com Ele a vontade do Pai.

Assim vive a alma perfeita; mais em seu Mestre do que em si mesma. Sem dúvida, durante suas ocupações, seu pensamento não poderia estar sempre fixado nEle, mas seu coração vela. Logo que está livre, sente-se invadida pelo amor, mergulha em Deus, encerra-se no céu de sua alma. Sem dúvida ainda ela vê fraquezas, infidelidades. Quem se pode crer isento de faltas aqui na terra? Mas Jesus é sua pureza. Seu contato apaga todas as manchas. Ele gosta tanto de perdoar e guiar a alma para a santidade!

A não ser a própria alma, ninguém sabe em que abismos ela habita. Ela se sente objeto de um inexprimível amor. Tem consciência que todos os tesouros do Mestre lhe pertencem, que se pode servir dEles e comunica-los às almas. É infinitamente rica. Não está transformada em Cristo, enraizada nEle? Ela também se torna capaz de sustentar o consolador mistério da doação divina.

Jesus nos longos silêncios em que a faz entrar, explica-lhe os maravilhosos segredos.

Ele aparece a alma como um irmão querido que se insinua no seu ser e em todas as suas potências, que a enche deliciosamente de sua própria vida, depois a leva consigo ao seio do Pai.

Aqui se abrem diante de seus olhos horizontes ilimitados. Alegrias desconhecidas. Profundas como Deus, a inundam. É a volta a pura felicidade do paraíso terrestre, é a aurora da visão do céu. A alma tornou a encontrar seu Pai, com todas as ternuras que ela supunha haver nEle, mas que jamais havia

experimentado. Ele tem para ela delicadezas infinitas... Ele acolhe-a com transportes, desforra-se agora de sua longa ausência. Infunde-lhe no coração uma segurança toda nova, uma confiança inabalável como o próprio Deus. Ela não teme mais, pois está sempre entre os braços de seu Pai. Ninguém virá arranca-la.

A alma admira-se de sentir-se tão perto de seu Pai, deste grande Deus, deste Rei imortal dos séculos, deste Ser infinito que enche a eternidade. Não O teme mais, ela O adora com imenso respeito, mas também O abraça. Parece-lhe que Ele lhe pertence unicamente e só tem que se ocupar dela, tanto amor Ele lhe demonstra.

Estreitando-a sobre seu seio, Deus recorda-lhe seu passado, as graças com quais quis favoreceu, as infidelidades das quais ela se tornou culpada. É como uma luz súbita que ilumina tudo num momento. A alma fica estupefata, depois se apega mais fortemente e prolongamente a Deus, como para lhe agradecer, para fazê-lo esquecer seus desvios passados. Ela quereria esvaír-se nEle, perde-se nEle, purificar-se nEle. Então, são transportes sem fim, um fluxo e refluxo de amor, entre a alma e Deus

São os bem-aventurados momentos, nos quais a alma, voltada para seu centro, aí se fixa sem retroceder. Essas delícias não podem durar muito. A alma, ainda exilada na terra, não poderia suportar o peso de sua suavidade.

Daí em diante, porém, a alma não se afasta mais da casa do Pai. Tudo aí a encanta. Ela se sente no seu verdadeiro lugar, que é o filho na família. Parece-lhe que sempre aí viveu, tanto esta vida parece-lhe natural. Tudo que aí vê desperta nela lembranças longínquas. Exilada, à distância do teto paterno, sonhou tantas vezes com a casa do Pai. Agora, aí se acha transportada com Jesus, seu divino irmão, amada nEle por seu divino Pai, amando também seu Deus com ternura neste mesmo Jesus, que não a deixa mais, que quer repartir com ela sua felicidade. Afunda-se neste abismo que é o próprio Deus, e o Espírito de amor abre nela capacidades sempre novas. Este divino Espírito a envolve cada vez mais e penetra. É necessário que ela ame. Ele não lhe fala senão de amor, de imolação e de eternidade.

Até aqui a função do Espírito Santo na sua vida espiritual aparecia-lhe como velada, talvez mesmo como secundária. Agora seus olhos estão abertos à luz. Vê que é Ele quem faz tudo e deixa-se guiar por este amor, confia-lhe sua vida espiritual e contenta-se em amar.

É por Ele, o Espírito do Pai e do Filho, que ela ama um e outro e que é amada. Este amor penetra tudo, é o laço infinitamente suave do Pai e do Filho, da alma e de Jesus. Sua divina chama abrasa tudo, unifica tudo. A alma funde-se cada vez mais a seu contato, purifica-se e se diviniza. Outras delícias, porém, esperam-na, mais humanas, mais adaptadas à sua natureza, não menos inebriantes.

Na família a felicidade não é completa, se a mãe está ausente. Na casa do Pai Celeste, a alma busca por instinto sua querida Mãe, a Imaculada. O encontro da Mãe com o filho! A alma estava habituada desde muito a chamar pelo seu nome de Mãe; porém, agora, de repente este nome reveste encantos inconcebíveis, abre perspectivas encantadoras. Este nome encerra abismo de ternura e de devotamento.

A alma sente a divina Mãe inclinada sobre ela, cobrindo-a com solicitude. Ela lhe aparece, na sua alva imaculada, como um ser todo mergulhado na luz, todo transformado na divindade. E esta virgem toda bela, toda luminosa, é sua Mãe. A Alma sente-se enlaçada por seus braços maternais e estreitada sobre este coração virginal, e nesta longa união passam toda ternura da mãe e toda afeição do filho. Esta felicidade é inefável. Como suave orvalho penetra até ao íntimo da alma.

É a doação recíproca e definitiva da mãe ao filho e do filho à mãe, deliciosamente gozada, suavemente experimentada pela alma. Esta alegria é reservada à alma perfeita.

De então, em diante, entre ela e sua mãe, não há mais distância, não há mais segredo. O filho participa de toda as dores de sua mãe, e ela, a mãe incomparável, encarrega-se de acudir a todas as suas necessidades, de consolá-la em todas as suas tristezas, de animá-la em todos os seus desânimos, de obter-lhe todas as graças.

Boa mãe! Que sereis vós para nós no céu, pois que convosco já se fazem na terra uniões tão profundas?

E, à medida que o filho vive mais na vossa intimidade, Virgem Imaculada, descobre, em sua amada mãe, belezas mais encantadoras. Vós, toda bela e perfeita, toda brilhante de brancura virginal, sois um mundo de maravilhas.

A alma não se cansa de admirar a Imaculada, de se chegar cada vez mais para perto dela e de repetir: “É minha mãe, como o é de meu irmão Jesus. Nós não temos senão uma só mãe para nós dois como não temos senão um só Pai. ”

Assim vive a alma perfeita na casa do Pai Celeste. Tudo lhe fala de amor, tudo a mergulha no amor. Os santos e os anjos do Céu são seus irmãos e ela vive familiarmente com eles. Celebra suas festas e roga-lhes de se lembrarem dela ao lado da Mãe e do Pai comum.

Ela se liga por uma tocante afeição ao seu anjo da guarda, que trata por seu querido irmão, e com ele rivaliza, no zelo para amar a Deus.

Sente compaixão sem limites pelas almas do purgatório e pelos pecadores, filhos separados ou extraviados da casa paterna.

Ama todas as almas justas, gosta de entreter-se com elas sobre as alegrias da Pátria, sobre as delícias do amor.

Às vezes, sem dúvida, seu céu torna-se sombrio, o sol divino esconde sua luz, porém a alma não se inquieta, crê no amor e na fidelidade de seu Deus, sabe que um ardor, demasiado prolongado, esgotaria suas forças antes do tempo ou a impediriam de aplicar-se a seus deveres cotidianos.

Estes intervalos, porém, não duram. As grandes provas, as longas ausências de Deus passaram. A alma está estabelecida em seu Deus. Cada respiração, cada movimento aproxima-a do termo. Ela canta: *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi: in domo Domini ibimus* (Ps 121,1): “Eu me alegro das que me foram ditas: nós iremos à casa do Senhor. ”

Bom mestre! Possa este momento não estar longe, possa realizar-se cedo para nós, o voto que fizestes antes de morrer: “Que eles sejam consumados na unidade.” (Jo 17, 23), na unidade do Amor! Amém.